



IV Encontro Nacional
de Pesquisadores do ATRIVM

CADERNO DE RESUMOS


Faculdade de Letras da UFRJ

26 a 28 set. 2017

Anderson Martins Esteves
Arlete José Mota
Carlos Eduardo da Costa Campos
(Organizadores)

Caderno de Resumos

IV Encontro Nacional de Pesquisadores do ATRIVM



Sistemas de Crença, Rituais e Magia na Antiguidade

26, 27 e 28 de setembro de 2017

Faculdade de Letras da UFRJ
Rio de Janeiro
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Roberto Leher

FACULDADE DE LETRAS

Diretora: Eleonora Ziller Camenietzki

DECANIA

Decana: Flora De Paoli Faria

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

Coordenador: Ricardo de Souza Nogueira

Vice-coordenadora: Arlete José Mota

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS

Chefia: Prof. Dr. Fábio Frohwein

Vice: Prof. Dr. Rainer Guggenberger

SECRETÁRIA DA GRADUAÇÃO

Rosane Barroso Franco

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Anderson de Araujo Martins Esteves

Prof. Dra. Arlete José Mota - Presidente

Prof. Ms. Bráulio Costa Pereira

Prof. Ms. Carlos Eduardo da Costa Campos

Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Prof. Dr. Luiz Karol

Prof. Dr. Rainer Guggenberger

Prof. Dr. Ricardo de Souza Nogueira

REVISÃO TÉCNICA

Prof. Ms. Carlos Eduardo da Costa Campos

Prof. Dr. Fábio Frohwein

Prof. Ms. Luis Filipe Bantim de Assumpção

ASSESSORIA EXECUTIVA

Prof. Ms. Arthur Rodrigues Pereira Santos

Prof. Ms. Bruno Torres dos Santos

Prof. Ms. Pedro Ivo Zaccur

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Airton Pollini (Université de Haute-Alsace) Prof. Dr. Alexandre Santos de Moraes (UFF)

Prof. Dra. Carolina Kesser Barcellos Dias (UFPel)

Prof. Dra. Camila Diogo Souza (UNIFESP)

Prof. Associado Dr. Fábio Favarsani (UFOP)

Prof. Associado Dr. Fabio de Souza Lessa (UFRJ)

Prof. Associado Dr. Gabriele Cornelli (UnB)

Prof. Dr. Rafael Brunhara (UFRGS)

REVISÃO

Prof. Ms. Bráulio Costa Pereira

CAPA

Prof. Dr. Fábio Frohwein

REALIZAÇÃO

ATRIVM - Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (PPGLC)

ESTEVES, Anderson Martins; MOTA, Arlete José; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (orgs.). Caderno de Resumos do IV Encontro Nacional de Pesquisadores do ATRIVM. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Faculdade de Letras, 2017. Isbn: 978-85-8101-021-2

A publicação integra a *Coleção Pórtico* sob direção do Prof. Dr. Anderson M. Esteves – UFRJ.

SUMÁRIO

5¶ APRESENTAÇÃO

6¶ PROGRAMAÇÃO

RESUMOS

CONFERÊNCIAS

- 10¶ *A língua do sagrado – o latim como instrumento para apropriações e ressignificações de práticas de religiosidade pagãs no Mundo Germanófono Medieval* – Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior / UFRJ
- 12¶ *Divindades campesinas na Elegia II, 1, de Tibulo* – Profa. Dra. Arlete José Mota / UFRJ
- 16¶ *A crítica ciceroniana à teologia epicurista: sobre as imagens dos deuses em De Natura Deorum, 1* – Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa / UNIRIO
- 29¶ *O culto ao deus sol Elagabal no contexto da Dinastia dos Severos e a Vida de Apolônio de Tiana, de Filóstrato* – Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva / UFSM

MESAS DE DEBATES

- 13¶ *Discurso e conversação: uma abordagem pragmática do excerto 286a3-287e5 do Hípias Maior de Platão* – Prof. Dr. Auto Lyra Teixeira / UFRJ
- 18¶ *Poesia e gênero na Atenas Clássica: a Andrômaca de Eurípides* – Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa UFRJ
- 19¶ *Rituais, sacrifícios e orações para a harmonização com o divino: a defesa dos processos teúrgicos na argumentação dos livros V e VII de Sobre os Mistérios, de Jámblico de Cálcis* – Profa. Dra. Fernanda Lemos de Lima / UERJ
- 19¶ *A recepção contemporânea da ciência suprema na Metafísica de Aristóteles* - Prof. Dr. Guilherme Costa Assunção Cecílio / UFRJ
- 24¶ *Las deliciosas niñas del certero* – Profa. Dra. Maria Cecilia Colombani / UM – Arg.
- 23¶ *Apuleio – a demonologia neoplatônica do ponto de vista romano* – Prof. Dr. Luiz Karol / UFRJ
- 26¶ *O Sócrates no Enquirídio de Epicteto* – Prof. Dr. Rainer Guggenberger / UFRJ
- 29¶ *A Teoria Conceptual da Metáfora empregada em textos da Literatura Grega* – Prof. Dr Ricardo de Souza Nogueira / UFRJ
- 29¶ *Sócrates: mestre da conversação no Filebo* – Profa. Dra. Simone de Oliveira Bondarczuk / UFRJ/
- 30¶ *SOL INUICTO COMITI: reflexões sobre a imagem dos deuses nas moedas de Constantino I* – Prof. Dr. Thiago Brandão Zardini / Faculdade Saberes - ES

COMUNICADORES

- 10¶ Alexandre Ramires Alonso
- 10¶ Amanda Lemos Fontes
- 11¶ Amanda Prima Borges
- 11¶ Amanda Reis dos Santos
- 11¶ Ana Cláudia da Silva
- 12¶ Anderson Alves Rocha
- 13¶ Beatriz Cerqueira de Castro
- 13¶ Beatriz Moreira da Costa
- 14¶ Braulio Costa Pereira
- 14¶ Bruna Moraes da Silva
- 15¶ Carlos Eduardo da Costa Campos
- 15¶ Carlos Eduardo da Silva dos Santos
- 15¶ Carlos Eduardo Schmitt
- 15¶ Caroline Oliva Neiva
- 16¶ Debora de Oliveira Sant’Anna
- 16¶ Deivid Valério Gaia
- 17¶ Eduardo Boechat

- 17¶ Érika Vital Pedreira
- 18¶ Esther Marie Batista Reis
- 18¶ Fabiana Martins Nascimento
- 18¶ Fábio Frohwein de Salles Moniz
- 19¶ Gabriel Paredes Teixeira
- 20¶ Giovanna Marina Giffoni
- 21¶ Gleison Araujo de Castro
- 21¶ Hiasmin Peres Rodrigues
- 21¶ Ian Ferreira Bonze
- 22¶ Jônatas Ferreira de Lima Souza
- 22¶ Jordão de Campos Pereira
- 22¶ Josué Souza da Costa
- 22¶ Leandro Cordeiro
- 23¶ Lucas Marques Ribas
- 18¶ Lucia Pestana da Silva
- 23¶ Luis Filipe Bantim de Assumpção
- 18¶ Marcelle Mayne Ribeiro da Silva
- 24¶ Marcela da Penha Coco
- 24¶ Maria Eichler Sant' Angelo
- 25¶ Maria Luiza Silva Patury e Souza
- 25¶ Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha
- 25¶ Mayan Rodrigues Melo Braga
- 26¶ Nathália Eugênio da Costa
- 26¶ Nathan Rodrigues da Silveira Murizine Branco
- 26¶ Nicolle de Souza Santos
- 27¶ Rafael Alverne Freitas de Albuquerque
- 27¶ Regina Maria da Cunha Bustamante
- 28¶ Renata Cardoso de Sousa
- 28¶ Renata Ferreira Fernandes
- 29¶ Ronald Guimarães dos Santos
- 30¶ Stéphanie Barros Madureira
- 30¶ Tamiris Penha Maranduba Barreto
- 30¶ Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires
- 31¶ Uíara Barros Otero
- 18¶ Wallace Pontes de Mendonça
- 31¶ Wendell dos Reis Veloso
- 31¶ Zildene de Souza

APRESENTAÇÃO

O ATRIVM – Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade formado em 2012 e é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLC-UFRJ). É composto por pesquisadores interessados em estudar as culturas da Antiguidade Clássica por meio de abordagens teóricas contemporâneas e a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que privilegie as interações entre as literaturas grega e romana, a história cultural, a filosofia e a arqueologia.

Nesse sentido, o IV Encontro Nacional de Pesquisadores do ATRIVM, tem como objetivo debater aspectos referentes ao campo do mágico, do religioso e da ritualística do Mundo Antigo, assim visando a desenvolver o espaço interdisciplinar de reflexão sobre as práticas religiosas como expressões culturais do imaginário coletivo de uma época. Afinal, os sistemas de crenças, de rituais e de magia são fenômenos religiosos multifacetados que integram o cotidiano e perpassam todo tecido social desde a Antiguidade. Tal temática forma um amplo campo de tensões, negociações e conflitos nas sociedades Antigas e Contemporâneas. Ademais, o sagrado e as suas manifestações encantam, fascinam e produzem temores ao longo da trajetória humana.

Desse modo, a equipe ATRIVM – UFRJ deseja boas-vindas para todos!!!

PROGRAMAÇÃO

TERÇA – FEIRA (26/09/2017)

Credenciamento: (09h – 9h30min): Auditório G2 – Segundo Andar

Cerimônia de abertura: (9h30min – 10h) Auditório G2 – Segundo Andar

Conferências de Abertura I e II: (10h – 12h) Auditório G2 – Segundo Andar

Divindades campesinas na Elegia II, 1, de Tibulo – Profa. Dra. Arlete José Mota / UFRJ

O culto ao deus sol Elagabal no contexto da Dinastia dos Severos e a Vida de Apolônio de Tiana, de Filóstrato – Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva / UFSM

Mesa de Debates 1: (14h – 15h20min) Auditório G2 – Segundo Andar

Coordenação: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa / UFRJ

Poesia e gênero na Atenas Clássica: a Andrômaca de Eurípides – Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa UFRJ

Las deliciosas niñas del certero – Profa. Dra. Maria Cecilia Colombani / UM – Arg.

A Teoria Conceptual da Metáfora empregada em textos da Literatura Grega – Prof. Dr. Ricardo de Souza Nogueira / UFRJ

Mesa de Debates 2: (15h40min – 17h30min) Auditório G2 – Segundo Andar

Coordenação: Prof. Dr. Auto Lyra Teixeira / UFRJ

Discurso e conversação: uma abordagem pragmática do excerto 286a3-287e5 do Hípias Maior de Platão – Prof. Dr. Auto Lyra Teixeira / UFRJ

A recepção contemporânea da ciência suprema na Metafísica de Aristóteles – Prof. Dr. Guilherme Costa Assunção Cecílio / UFRJ

O Sócrates no Enquirídio de Epicteto – Prof. Dr. Rainer Guggenberger / UFRJ

Sócrates: mestre da conversação no Filebo - Profa. Dra. Simone de Oliveira Bondarczuk / UFRJ

Mesa de Comunicações 1: (15h40min - 17h30min) Sala de Audiovisual 206 F – Segundo Andar

Coordenação: Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva / UFSM

Deusas, sacerdotisas e o destino de Roma – Graduada Beatriz Cerqueira de Castro – Mestranda / UFRJ

Tito Lívio e a representação das tensões político-sociais sobre a Lex Ogúlnia de 300 AEC – Mestre Carlos Eduardo da Costa Campos – Doutorando / UERJ / UFRJ

Os presságios na Vita Galbae, de Suetônio – Graduado Carlos Eduardo da Silva dos Santos – Mestrando / UFRJ

O triplismo nas imagens das Deae Matres – Mestra Érika Vital Pedreira – Doutoranda / UFF

Mesa de Comunicação 2: (15h40 - 17h30min) Sala de Audiovisual 208 F – Segundo Andar

Coordenação: Prof. Dr. Ricardo de Souza Nogueira / UFRJ

A relação do homem com o deus na peça Aias: um herói agonístico – Graduada Ana Claudia da Silva – Mestranda / UERJ

Os jogos fúnebres em honra a Anquises na Eneida de Virgílio: uma proposta de análise – Graduada Debora de Oliveira Sant'Anna / UFRJ

Da Antiguidade a Harry Potter – um estudo sobre o arquétipo do herói – Graduado Nathan Rodrigues da Silveira Murizine Branco – Mestrando / UFRJ

A catábase de Eneias – um (re)conhecimento – Mestra Hiasmin Peres Rodrigues / UFRJ

QUARTA – FEIRA (27/09/2017)

Mesa de Debates 3: (10h – 12h) Auditório G2 – Segundo Andar

Coordenação: Profa. Dra. Fernanda Lemos / UERJ

Rituais, sacrifícios e orações para a harmonização com o divino: a defesa dos processos teúrgicos na argumentação dos livros V e VII de Sobre os Mistérios, de Jámblico de Cálcis – Profa. Dra. Fernanda Lemos de Lima /UERJ
Apuleio – a demonologia neoplatônica do ponto de vista romano – Prof. Dr. Luiz Karol / UFRJ
SOL INUICTO COMITI: reflexões sobre a imagem dos deuses nas moedas de Constantino I – Prof. Dr. Thiago Brandão Zardini / Faculdade Saberes - ES

Mesa de Comunicações 3: (14h - 15h20) Auditório G2 – Segundo Andar

Coordenação: Profa. Dra. Regina Bustamante / UFRJ

Os fundamentos filosóficos da astrologia de Manílio – Prof. Dr. Eduardo Boechat - Pós-Doutorando / UnB
A sobreposição de Histórias ou a relação entre passado e presente nas obras dos escritores da época antonina – Prof. Dr. Déivid Valério Gaia / UFRJ
Mais que alimento: um mosaico afro-romano pisciforme – Profa. Dra. Regina M. da C. Bustamante / UFRJ

Mesa de Comunicação 4: (14h - 15h20min) Auditório E1 – Segundo Andar

Coordenação: Profa. Dra. Arlete José Mota / UFRJ

O poder em construção: considerações sobre as muralhas cidadinas e suas diversas representações – Graduando Jordão de Campos Pereira / Faculdade Saberes – ES
O modelo de educação para o vir bonus sob as perspectivas de Cícero e Quintiliano – Graduando Josué Souza da Costa / Faculdade Saberes - ES
A morte em Marcial – Graduanda Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha / UFRJ
Análise da vitória de um líder adorado: a liderança militar de Júlio César nas campanhas da guerra civil de 49-45 a.C. – Graduanda Amanda Prima Borges / UFRJ
Laços de dependência na Roma Tardo-Republicana: uma análise econômica-antropológica a partir das cartas de Cícero – Graduanda Mayan Rodrigues Melo Braga / UFRJ

Mesa de Comunicação 5: (14h - 15h20min) Auditório E2 – Segundo Andar

Coordenação: Prof. Dr. Thiago Brandão Zardini / Faculdade Saberes – ES

Dião Crisóstomo e o rústico como paradigma moralizante para as atividades urbanas – Graduando Alexandre Ramires Alonso / UFRJ
Cultura cristã e cultura clássica: um estudo sobre a representação de Varrão na obra a Cidade de Deus, de Agostinho – Graduanda Maria Luiza Silva Patury e Souza /UFRJ
ΜΑΚΆΠΙΟΣ: um estudo de etimologia e significado cultural – Graduanda Renata Ferreira Fernandes – Mestranda/UFRJ
Os confessores cristãos na província proconsular africana mediante processos nos tribunais (202-258 E.C.) – Mestra Uiara Barros Otero –Doutoranda / UNIRIO

Mesa de Comunicação 6:(15h40 - 17h30min) Auditório G2 – Segundo Andar

Coordenação: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz/UFRJ

Glossário Gramatical Latino: uma proposta de ferramenta para o estudo e Ensino de Latim – Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz / UFRJ; Graduanda Esther Marie Batista Reis / UFRJ; Graduanda Lucia Pestana da Silva / UFRJ; Graduanda Marcelle Mayne Ribeiro da Silva / UFRJ; Graduando Wallace Pontes de Mendonça / UFRJ

Mesa de Comunicação 7:(15h40 - 17h30min) – Auditório E1 – Segundo Andar
Coordenação: Profa. Dra. Fernanda Lemos / UERJ

Guerra, morte e memória na Literatura Grega (séculos VIII e V a.C.) – Mestra Bruna Moraes da Silva –
Doutoranda / UFRJ

Agesilau II e o sagrado como mecanismo de poder político, na Esparta do século IV a.C. – Mestre Luis Filipe
Bantim de Assumpção – Doutorando / UFRJ

Dois heróis épicos e um trágico: Páris, Aquiles e Hércules dentro do código de conduta helênico – Mestra Renata
Cardoso de Sousa – Doutoranda / UFRJ

O phármakon do Período Arcaico ao Clássico: uma análise do conceito e suas transformações –
Graduada Stéphanie Barros Madureira – Mestranda / UFRJ

Mesa de Comunicação 8:(15h40 - 17h30min) – Auditório E2 – Segundo Andar
Coordenação: Prof. Dr. Deivid Valério Gaia / UFRJ

*"... Em Abidos, Osíris é adorado ...": as estelas funerárias de Abidos durante o Egito Romano (30 AEC - 395
EC)* – Graduada Beatriz Moreira da Costa – Mestranda / UFF

*Pietas e ação política no de Rerum Natura de Lucrécio: uma nova compreensão da relação entre os auspícia e o ius
imperii* – Mestra Maria Eichler Sant' Angelo – Doutoranda / UNIRIO

Jano e o ato ritual na Roma Antiga: representações, funções e atribuições – Mestre Thiago de Almeida /
Lourenço Cardoso Pires – Doutorando / UNIRIO

Aporias, antíteses e oposições: soluções à tradução do livro VI de Jâmblico – Profa. Dra. Giovanna Marina
Giffoni / UERJ/Graduanda – UFRJ

Mesa de Comunicação 9:(15h40 - 17h30min) – Auditório E3 – Segundo Andar
Coordenação: Prof. Dr. Luis Karol / UFRJ

*A pietas e a resignificação das virtudes romanas: uma análise das obras História Eclesiástica e Vita Constantini,
de Eusébio de Cesaréia* – Graduada Marcela da Penha Coco / Faculdade Saberes - ES

Os templos e as representações dos judeus e romanos no primeiro século d.C. – Graduando Ronald Guimarães
dos Santos / Faculdade Saberes - ES

Os judeus como ateístas? – implicações em Josefo em seu Contra Ápio II – Graduado Jônatas Ferreira de Lima
Souza - Mestrando / UFRJ

Paulo de Tarso e a moral estoica: uma análise do capítulo 12 da Carta aos Romanos – Graduando Ian Ferreira
Bonze / UFRJ

QUINTA – FEIRA (28/09/2017)

Conferências de Encerramento 1 e 2: (10h – 12h) Auditório G2 – Segundo Andar

*A língua do sagrado – o latim como instrumento para apropriações e resignificações de práticas de religiosidade
pagãs no Mundo Germanófono Medieval* – Prof. Dr. Alvaro Alfredo Bragança Júnior / UFRJ

A crítica ciceroniana à teologia epicurista: sobre as imagens dos deuses em De Natura Deorum, 1 – Profa. Dra.
Claudia Beltrão da Rosa / UNIRIO

Mesa de Comunicação 10: (14h - 15h30min) Auditório E2 – Segundo Andar

Coordenação: Prof. Dr. Fábio Frohwein /UFRJ

Elementos da "feitiçaria comum" na Medeia de Sêneca – Graduado Gabriel Paredes Teixeira – Mestrando
/ UFRJ

Eneias e a pietas – Graduando Gleison Araujo de Castro / UFRJ

Aulularia: perspectivas socioeconômicas acerca do patrimônio na comédia de Plauto – Graduada Nathália
Eugênio da Costa / UFRJ

Três mulheres, seus desejos e encantamentos – Graduada Nicolle de Souza Santos / UFRJ

O olhar para Ceres nos Fastos, de Ovídio – Graduada Tamiris Penha Maranduba Barreto /UFRJ

Mesa de Comunicação 11: (14h - 15h30min) Auditório E1 – Segundo Andar

Coordenação: Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva / UFSM

Amizades, amores e amantes: Júlio César e as suas redes de poder – Graduada Amanda Lemos Fontes / UFRJ

Liberalidade, liberdade feminina e seus limites na Antiguidade Tardia: estudo de caso da Vita de Melânia, a Jovem (séculos IV – V d.C.) – Graduada Amanda Reis dos Santos / UFRJ

As relações homoafetivas e o poder em Roma – Graduado Leandro Cordeiro de Souza / Mestrando - UFRJ

Uma flor de Jacinto nos jardins de Febo: considerações sobre o homoerotismo nas Metamorfoses de Ovídio – Mestra Zildene de Souza – Doutoranda / UFRJ

Mesa de Comunicação 12: (14h - 15h30min) Auditório G2 – Segundo Andar

Coordenação: Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa / UNIRIO

O vocábulo amor nas Confissões, de Agostinho de Hipona – Graduado Anderson Alves Rocha / UFRJ

Tempo e tradição em Agostinho de Hipona - Graduado Rafael Alverne Freitas de Albuquerque – Mestrando / UFRJ

Continentes ou conjugati? O posicionamento de Agostinho de Hipona sobre as sexualidades em meio à querela jovinianista – Mestre Wendell dos Reis Veloso - Doutorando / UFRRJ

As Orationes I, II e III de Símaco e seu impacto no reinado de Valentiniano I – Graduado Carlos Eduardo Schmitt – Mestrando / UFRJ

Mesa de Comunicação 13: (14h - 15h30min) Auditório E3 – Segundo Andar

Coordenação: Prof. Dr. Alvaro Alfredo Bragança Júnior /UFRJ

O Asno em Corinto: preâmbulos do retorno de Lúcio à forma humana nas Metamorfoses, de Apuleio – Mestre Bráulio Costa Pereira – Doutorando / UFRJ

As representações de Serápis na numismática alexandrina: uma análise comparada das iconografias monetárias do período Romano (30 a.C.-192) – Mestra Caroline Oliva Neiva / UFRJ

As formas de resistência escrava e sua influência nas relações escravista na Roma Republicana (II-I a.C.) – Graduada Fabiana Martins Nascimento / UFRJ

Considerações iniciais sobre a representação social cartaginesa em Poenulus – Graduado Lucas Marques Ribas / UFRJ

RESUMOS

DIÃO CRISÓSTOMO E O RÚSTICO COMO PARADIGMA MORALIZANTE PARA AS ATIVIDADES URBANAS

Graduando Alexandre Ramires Alonso (UFRJ)

A proposta desta comunicação é fazer uma breve reflexão sobre as práticas sociais e os ofícios considerados “corretos” e “naturais”, segundo a filosofia moral de Dião Crisóstomo, usando como base seu sétimo discurso, também conhecido como *Discurso do Caçador*, ou *Discurso de Eubeia*. Dião Crisóstomo, ou Dião de Prusa, foi um proeminente orador de origem grega, atuando no oriente do Império Romano, em fins do século I e ao longo da primeira metade do século II, no contexto da Segunda Sofística. Em seu sétimo discurso, o orador tece uma descrição idealizada da vida de uma família camponesa, com o objetivo de contrastar os costumes e a hospitalidade do povo simples do campo com o que ele considera os vícios proporcionados pela vida urbana e pela riqueza.

Palavras-chave: Oratória; Dião Crisóstomo; moral.

A LÍNGUA DO SAGRADO – O LATIM COMO INSTRUMENTO PARA APROPRIAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DE PRÁTICAS DE RELIGIOSIDADE PAGÃS NO MUNDO GERMANÓFONO MEDIEVAL

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)

A relação do homem com o mundo sobrenatural perpassa os séculos desde a origem dos tempos. A reverência aos entes divinos pertence à necessidade básica de crença em algum *numen* superior, intangível aos mortais e que pode auxiliá-los quando solicitado. Com tal propósito, rituais são estabelecidos, a fim de se obter e posteriormente agradecer pelas graças alcançadas. Com a entrada do cristianismo no mundo romano e após a liberdade de culto no Império Romano em 313, segue-se uma difusão da nova religião, que incorporará após o ano de 476 d.e.c. as estruturas física e hierárquica do antigo culto ao imperador e terá na língua do Lácio o seu veículo de afirmação da nova fé. Todavia, ao lado de cerimônias públicas ocorriam ainda as manifestações privadas de religiosidade, em que se constituíam espaços próprios destinados à prece e invocação à(s) divindade(s), normalmente localizados fora da área de atuação da *Urbs*. Tais práticas de religiosidade pagãs – pré-cristãs – são encontradas por toda a antiga Germânia, como atestado já por Tacitus (século I), embora o cristianismo tenha penetrado no mundo germanófono com bastante intensidade no século IV a partir do arianismo de Wulfila, além de que, no mundo altomedieval europeu, os reinos germânicos consolidaram-se mediante a intercessão da Igreja. Contudo, traços de religiosidade do mundo germânico antigo ainda evidenciavam-se fortemente no âmbito, por exemplo, da magia curativa, com a utilização de elementos da natureza. Já no século VIII, o ocidente cristão tomava ciência da existência dos “selvagens homens do norte”, os vikings, cultuadores de Odin e Thor, oriundos da Escandinávia. As tradições desses povos, com sua visão de religiosidade alicerçada no panteão pagão germânico, eram expressas preferencialmente através do alfabeto rúnico. Contudo, encontram-se textos que podem ser datados da Idade Média Tardia, nos quais ocorre a transliteração do alfabeto latino em runas, com vistas à divulgação da mensagem do cristianismo. Nos dois casos acima relatados, a Igreja precisou atuar para tentar anular tais influências ainda presentes, mais uma vez lançando mão do latim como ferramenta de conversão. Nesse sentido, procurar-se-á tratar sucintamente na conferência, naqueles dois momentos distintos da Europa medieval, do uso do latim como língua receptora e plasmadora de novas formas de apropriação e ressignificação do sagrado dentro do mundo germanófono de então.

Palavras-chave: Latim; Medievo; Sociedades Germânicas.

AMIZADES, AMORES E AMANTES: JÚLIO CÉSAR E AS SUAS REDES DE PODER

Graduanda Amanda Lemos Fontes (UFRJ)

Indo desde último e talvez principal defensor das ideias de uma facção senatorial derrotada em batalha até uma das principais figuras de seu tempo, a relevância e a influência de Júlio César são inegáveis. No entanto, diversas das fontes produzidas enquanto o general ainda vivia, usualmente oriundas da elite senatorial, apresentam tom de crítica e reprovação às suas atitudes,

públicas ou privadas. Dessa forma, no decorrer de sua ascensão política, César teve de se valer de diversos dispositivos de agregação de poder, sendo notável o uso que fazia de conexões pessoais como fatores possibilitadores da conquista de prestígio e da realização de manobras políticas. Ao manter relacionamentos que se baseavam na troca de favores, César sustentava redes de influência e nutria relações de força e dependência que viriam a lhe dar vantagens diversas no jogo político de fins da República; assim, aqui, procuramos analisar o modo como o general estabelecia tais redes e relações de dominação, sobretudo aquelas estabelecidas através da *amicitia* e de casos amorosos. Palavras-chave: República romana; Júlio César; *amicitia*.

ANÁLISE DA VITÓRIA DE UM LÍDER ADORADO: A LIDERANÇA MILITAR DE JÚLIO CÉSAR NAS CAMPANHAS DA GUERRA CIVIL DE 49-45 A.C.

Graduanda Amanda Prima Borges (UFRJ)

Júlio César e Pompeu foram dois dos maiores comandantes militares que o mundo romano conheceu: da conquista das Gálias ao combate à pirataria que assolava Roma no século I a.C., a tradição literária antiga narra alguns de seus maiores feitos e os retratam como homens extraordinários, que se destacaram mesmo no caótico cenário de crise política em que viviam e, principalmente, em campo de batalha. Sendo assim, não causa nenhum espanto que a Guerra Civil (49-45 a.C.), que eclodiu entre esses dois generais, tenha assumido proporções compatíveis com o tamanho do *imperium* republicano. Sabe-se que, dentre os lados em disputa, foi Júlio César quem obteve sucesso em suplantar seu adversário – mas que fatores teriam lhe garantido vantagem em um conflito tão equilibrado? O presente trabalho se ocupará, portanto, da temática da conclusão desse confronto, buscando responder ao problema colocado.

Palavras-chave: Júlio César; Pompeu Magno; Guerra civil.

LIBERALIDADE, LIBERDADE FEMININA E SEUS LIMITES NA ANTIGUIDADE TARDIA: ESTUDO DE CASO DA VITA DE MELÂNIA, A JOVEM (SÉCULOS IV – V D.C)

Graduanda Amanda Reis dos Santos (UFRJ)

Relatou um monge desconhecido do século V d.C., em uma hagiografia dedicada a um padre, os feitos esplêndidos de uma notável romana proveniente da ordem senatorial. A descrição, como se pôde observar através da leitura de A Vida de Melânia, a Jovem, possui um claro objetivo: exaltar, como condiz com o gênero da obra - então em franca expansão -, os nobres feitos de uma santa, Melânia, a Jovem, sendo sua atividade caritativa uma das principais tópicos do documento. Cruzando-o com outros do mesmo período – tais como História Lausiaca, Vida de Macrina dentre outros -, é possível observar que o Cristianismo, no momento de sua consolidação no Império Romano entre os séculos IV e V, ampliou o espaço de atuação de ricas notáveis na sociedade e possibilitou que se destacassem enquanto evergetas, atividade que a historiografia mostra ser intrinsecamente masculina. Dito isso, o objetivo da presente comunicação é apresentar algumas considerações acerca da munificência de ricas mulheres na Antiguidade Tardia, com destaque para Melânia, a Jovem, mostrando as características e os limites de suas doações, em que evergetismo e caridade confundem-se.

Palavras-chave: Melânia, a Jovem; evergetismo; caridade.

A RELAÇÃO DO HOMEM COM O DEUS NA PEÇA AIAS: UM HERÓI AGONÍSTICO

Graduada Ana Claudia da Silva (Mestranda/UERJ)

O mundo heroico, representado em Homero, na *Ilíada* e na *Odisseia*, apresenta um universo em que a ação está na constituição dos seres humanos. Numa perspectiva naturalista, está o herói que somente por meio das ações – até certa medida excetua-se Odisseu – pode construir a si próprio, pois não há nesse ambiente clássico a ideia moderna de indivíduo. O ser humano só pode ser herói se age na mesma proporção que existe fisicamente, ou seja, ao guerreiro necessariamente exige-se que aja para que possa existir. Isto significa que o elemento fundamental para o ser humano no mito, ou no mundo homérico ou ainda no tempo dos heróis, está na ação observável pela sociedade, como aponta Vernant. Esta mesma ação, tão essencial nos tempos imemoriais, assume uma posição de destaque na construção das narrativas produzidas em Homero

e nos tragediógrafos do V e IV século a.C., dividindo a atenção com outros elementos essenciais à narrativa: o espaço e tempo. Nas epopeias clássicas, temos, tanto na *Iliáda* e na *Odisseia*, um período de difícil localização, mas espaços claros que habitam o imaginário do coletivo helênico, já que compunham o próprio mito: as plagas de Ilíio como foco para a narrativa, na *Iliáda*, e Ítaca, como foco espacial para a narrativa na *Odisseia*. Se pensar o tempo dos heróis remete automaticamente a grandes figuras como Helena, Heitor, Odisseu, Aquiles e outras figuras do passado mítico helênico, não é possível expressar menor apego ao herói que fomenta esse estudo: Ajax Telamónio. Ajax Telamónio aparece, na tradição literária, como um dos melhores guerreiros na guerra de Tróia, estando atrás apenas de Aquiles Péida. No presente trabalho, tem-se por objetivo a análise da conduta da personagem Ajax, na peça *Aias de Sófocles*, quando o herói sofre com a loucura imposta pela deusa Atena e permite que este de maneira inconsciente, e ao mesmo tempo consciente das ações, execute a vingança contra aqueles que vieram a ultrajá-lo. À medida que o herói recupera a consciência dos atos infligidos aos argivos, também assume a responsabilidade por suas ações. Contudo, o jogo de conhecimento e desconhecimento ocasionado pela deusa não impacta no caráter do herói, porque este se exclui da relação homem-deus para que mesmo em sua pequenez humana aceite conscientemente o Destino de seus atos e ao mesmo tempo finde a própria existência num universo que tem por medida o direito e justiça divina, onde a própria existência não seria mais possível. Para alcançar esse objetivo, pretende-se analisar a peça *Aias* à luz dos escritos de Walter Benjamin sob a perspectiva do herói agonístico.

Palavras-chave: Sófocles; Ajax; herói.

O VOCÁBULO AMOR NAS CONFISSÕES, DE AGOSTINHO DE HIPONA

Graduando Anderson Alves Rocha (UFRJ)

Agostinho, Bispo de Hipona, que viveu entre 354 e 430, representa um marco na literatura cristã. *Confissões*, obra composta de treze livros, publicados a partir de 396, por exemplo, apresenta-nos expressões de uma relação interior com o ser divino expressas por um discurso literário matizado por palavras do campo semântico amoroso. O presente trabalho objetiva, então, comentar ocorrências do vocábulo amor e sua relação com vícios e qualidades morais, observando como o autor fala do amor à divindade e da divindade em relação ao homem. Faz-se necessário compreender o que os gregos e romanos entendiam como *eros*, *philia* e *ágape*.

Palavras-chave: Amor; Agostinho de Hipona; *Confissões*.

DIVINDADES CAMPESINAS NA ELEGIA II, 1, DE TIBULO

Profa. Dra. Arlete José Mota (UFRJ)

O gênero elegíaco que, em sua origem, se manifestava por um número expressivo de composições de assuntos diversos, mas já propiciava um espaço para a expressão de sentimentos, em Roma tratará essencialmente do amor, o que evidencia um caráter original que terá na literatura latina. No chamado Século de Augusto, fase da literatura que engendraria grandes poetas como Horácio e os elegíacos Tibulo, Propércio e Ovídio, há um contexto político-social e também literário que aponta para uma atmosfera de paz. E Albio Tibulo é o cantor da paz. Mas, entre ilusões e desilusões, provocadas por Amor e pelos objetos de desejo, o poeta esboça belos quadros que uma vida no campo pode ofertar. Uma vida de paz. São marcas desse espaço privilegiado os votos por fartas colheitas e festejos rústicos, onde a preocupação principal é a garantia dos meios de subsistência. É o que podemos entrever, por exemplo, na primeira elegia do segundo livro, onde são descritos festejos a Baco e a Ceres. Nosso trabalho visa, então, apresentar uma proposta de tradução e análise literária da elegia II, 1, procurando ressaltar ainda elementos ritualísticos trazidos pelo poeta ao texto.

Palavras-chave: Elegia; Tibulo; Festas; Campo; Baco; Ceres.

DISCURSO E CONVERSAÇÃO: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA DO EXCERTO 286a3-287e5 DO *HÍPIAS MAIOR* DE PLATÃO

Prof. Dr. Auto Lyra Teixeira (UFRJ)

A comunicação propõe uma abordagem pragmática do excerto 286a3-287e5 do *Hípias Maior*, associando análise do discurso e análise conversacional. No *Hípias Maior*, a arte dramática de Platão põe em cena duas personagens: Sócrates e Hípias. O sofista diz que compôs um belo discurso referente à queda de Troia; nesse discurso, Nestor se dirige a Neoptólmo, apresentando as práticas adequadas à tradição. Então, Sócrates, ironicamente, diz a Hípias que ele chegou no momento apropriado. Durante uma apresentação, louvando Sócrates o que era belo e censurando o que era feio, um homem lhe tomou a palavra e perguntou com insolência como é que ele, Sócrates, sabia o que era belo e o que era feio. Embaraçado, Sócrates não soube responder, e saiu da reunião aborrecido e decidido a aprender com um sofista, preparando-se adequadamente para retomar a discussão. Sócrates pede então a Hípias que lhe ensine, a fim de que ele possa responder ao tal homem o que é o belo. Sócrates introduz assim uma personagem imaginária, para lidar com uma situação que se apresenta. Do ponto de vista formal, tem-se a impressão de que foi introduzido outro interlocutor, mas como a nova “personagem” é bastante distinta dos participantes do diálogo, uma vez que não tem uma individualidade própria a não ser como representante de determinada posição, podemos facilmente reconhecê-la como uma construção do condutor do diálogo – Sócrates (com esse recurso, Platão conserva a forma de diálogo, ainda que suspendendo a conversação mantida até então, para direcioná-la no sentido desejado). Hípias concede dar essa “pequena lição” a Sócrates, para que este aprenda facilmente e não venha mais a ser refutado. Sócrates, então, pede ao sofista que o deixe imitar o tal homem e fazer perguntas, para melhor se preparar para a discussão. Hípias acede. Sócrates, então, sob a máscara do questionador, pergunta a Hípias: “o que é o belo?” E Hípias responde: “uma bela moça é belo”.

Palavras-chave: Discurso; Platão, *Hípias*.

DEUSAS, SACERDOTISAS E O DESTINO DE ROMA

Graduada Beatriz Cerqueira de Castro (Mestranda / UFRJ)

O trabalho tem como objetivo analisar a presença e permanência do culto à deusa Vesta entre os Romanos na República, com ênfase no papel das Vestais e sua importância para uma segurança divina de Roma. Além disso, fará comentários sobre a relação de alguns vates com a deusa, sobre o seu festival, um dos maiores da época, e da oportunidade de mudança de vida das sacerdotisas desse colégio religioso. Passando por obras como *Catilinárias*, o trabalho tenciona mostrar que a importância da deusa não se refere apenas ao âmbito religioso, mas também ao político e social. Este projeto teve origem no grupo de pesquisa NVMINA, sendo inicialmente um trabalho de iniciação científica e posteriormente apresentado na forma de monografia. Tal grupo de pesquisa agora faz parte do grupo ATRIVM. A pesquisa tem como teóricos principais Veyne (1991), Porte (1995) e Grimal (1993, 1995, 1997 e 2011) e como fontes literárias Cícero (*Catilinárias*), Horácio (*Odes e Epodos*) e Ovídio (*Os Fastos: poemas com amplos comentários*). Através de um estudo que mescla literatura, um pouco de história e ciências políticas, este trabalho tem como objetivo desmistificar, ou melhor, questionar o papel real da mulher na República romana, se seria apenas o de Matrona ou se existiam outras possibilidades, principalmente no caso das Vestais. O que as fazia ser diferente? Como garotas poderiam ter um papel tão importante em uma sociedade masculina? Além disso, o trabalho pretende mostrar o que aconteceria a uma vestal se ela não correspondesse às suas obrigações.

Palavras-chave: Vesta; Vestais; República Romana.

"...EM ABIDOS, OSÍRIS É ADORADO...": AS ESTELAS FUNERÁRIAS DE ABIDOS DURANTE O EGITO ROMANO (30 AEC - 395 EC)

Graduada Beatriz Moreira da Costa (Mestranda/UFRJ)

Ter o Egito Romano (30 AEC - 395 EC) como objeto de pesquisa não é tarefa fácil. Estamos mobilizando duas grandes sociedades da antiguidade que possuem diversos vícios de análise propagados pela historiografia. A imagem que se propaga no senso comum sobre o Egito Antigo é a de um território inabalável, livre de contatos, tradicionalista e com fronteiras naturais que

garantiram, ao longo do tempo, uma estabilidade político-religiosa. Já a Roma Antiga aparece como o grande Império expansionista que submeteu tudo e todos ao seu poder. Diante dessa situação, como equacionar e analisar o intenso contato entre o Egito e Roma a partir de Augusto? E, mais especificamente, como entender as rupturas e permanências da produção material funerária produzida a partir deste contato em Abidos, um local de culto tradicional do deus Osíris? Em nossa pesquisa, objetivamos analisar as negociações sociais em voga no Egito Antigo durante a dominação romana por meio das estelas funerárias erigidas em Abidos. Essa comunicação objetiva demonstrar os primeiros resultados obtidos da análise das estelas abidianas.

Palavras-chave: Egito romano; Abidos; estelas funerárias.

O ASNO EM CORINTO: PREÂMBULOS DO RETORNO DE LÚCIO À FORMA HUMANA NAS *METAMORFOSES*, DE APULEIO

Mestre Braulio Costa Pereira (Doutorando / UFRJ)

No presente trabalho, será abordada a passagem do livro X das *Metamorfoses*, de Apuleio, em que o protagonista Lúcio, então transformado num asno, é levado até a cidade de Corinto, onde se vê parte de um espetáculo macabro: uma mulher acusada de ter planejado a morte de seus próprios familiares é condenada à morte na arena, e espera-se que o asno Lúcio contribua para essa condenação ao se relacionar sexualmente com a mulher, humilhando-a publicamente antes da penalidade final. Depois de consumado o ato, feras seriam lançadas contra a assassina, concluindo o espetáculo com a condenação costumeira da *obiectio ad bestias*. No entanto, Lúcio teme por sua própria segurança, imaginando que as feras não seriam necessariamente capazes de julgar se deveriam devorar apenas a mulher, ou também o asno que se encontraria junto dela. Há diversas referências mitológicas nesse ponto da narrativa, como uma referência ao julgamento de Páris, além de histórias intercaladas que fazem eco ao tema principal da passagem, bem como considerações sutis sobre a moralidade dos habitantes de Corinto. O livro X se encerra com Lúcio fugindo da cidade, sem ter tido qualquer contato com a mulher. A presente análise pretende comparar essa narrativa com seu suposto equivalente no original grego, o *Onos*, cuja autoria é atribuída a Luciano, e que Apuleio teria utilizado como modelo. Através da comparação entre as diferentes versões da história, e identificação dos elementos que os especialistas consideram contribuições originais de Apuleio, busca-se observar elementos de um festival greco-romano que o próprio Apuleio poderia ter acrescentado à narrativa. Esses elementos serão identificados através da aplicação de uma abordagem politética, conforme descrita por Jon Iddeng (2012), e parte-se do princípio, apresentado por Thomas Habinek (1990), de que o espetáculo em Corinto se une a outras duas passagens da obra, a saber, o Festival do Riso (livros II e III) e o Festival de Ísis (livro XI), como representações de um rito de passagem do protagonista. Assim, espera-se demonstrar como as narrativas do livro X das *Metamorfoses* funcionam como uma preparação para o Festival de Ísis no livro seguinte, através do contraste entre os elementos religiosos característicos do livro XI e o tom mais profano e animalesco do livro X.

Palavras-chave: Apuleio; *Metamorfoses*; Festival Greco-romano.

GUERRA, MORTE E MEMÓRIA NA LITERATURA GREGA (SÉCULOS VIII E V A.C.)

Mestra Bruna Moraes da Silva (Doutoranda / UFRJ)

Grande parte dos estudos sobre a guerra na Grécia Antiga são focados em analisar apenas o lado tático dos conflitos, como as formações em batalha e os armamentos utilizados pelos guerreiros. Indo de encontro a essa perspectiva, buscamos nesta comunicação expor as expressões culturais da guerra, focando-nos em uma das prerrogativas do guerreiro em campo de batalha: enfrentar a morte e ser rememorado pela coletividade, seja por seu ato individual – como os heróis das narrativas homéricas – ou em prol da sua *pólis* – como os *hóplitai* do Período Clássico descritos por Eurípides e Tucídides. Do mesmo modo, destacaremos como esta preservação na memória dos vivos dos atos de coragem e honra do guerreiro era essencial em um sistema religioso em que inexistia, dentre os cultos oficiais, a crença na vida após a morte.

Palavras-chave: Guerra; Morte; Memória.

TITO LÍVIO E A REPRESENTAÇÃO DAS TENSÕES POLÍTICO-SOCIAIS SOBRE A LEX OGULNIA DE 300 AEC

Mestre Carlos Eduardo da Costa Campos (Doutorando / UERJ / UFRJ)

Ao longo da República e do Principado Romano, a *amplissima collegia sacerdotum* passou por diversas transformações, as quais desvelam a dinâmica política e social em que certos grupos estavam inseridos. Política e religião estavam imbricadas na Roma Antiga, assim gerando um conjunto de tensões, negociações, alianças e conflitos pelo poder. Um marco dessas reformulações, no século III AEC, certamente foi a *Lex Ogulnia*, que possibilitou o acesso ao colégio pontifical e augural para os plebeus, bem como a eleição para a função de pontífice máximo por uma assembleia. Esse procedimento levou a críticas e impasses entre as ordens sociais, tanto que uma série de menções reverberaram em diversos escritores posteriores. Mediante as nossas leituras, almejamos contextualizar e problematizar a representação desse evento por Tito Lívio como um processo relacionado ao reforço do prestígio social de Quinto Apuleio e Cneu Ogúlnio.

Palavras-chave: Tito Lívio; *Lex Ogulnia*; Religião Romana.

OS PRESSÁGIOS NA VITA GALBAE, DE SUETÔNIO

Graduado Carlos Eduardo da Silva dos Santos (Mestrando / UFRJ)

A presente comunicação busca apresentar os presságios descritos por Suetônio na biografia do imperador Galba. Sabe-se que uma das formas do biógrafo salientar a ascensão do general ao trono deixado por Nero é através de presságios que prediziam a Galba os poderes do *imperium*. Sendo assim, será apresentada uma análise do reforço que Suetônio faz no seu discurso literário para confirmar o destino do imperador.

Palavras-chave: Galba; Suetônio; Presságios.

AS ORATIONES I, II E III DE SÍMACO E SEU IMPACTO NO REINADO DE VALENTINIANO I

Graduado Carlos Eduardo Schmitt (Mestrando / UFRJ)

Quinto Aurélio Símaco Eusébio (c. 340-402) possui uma extensa obra, da qual chegaram à contemporaneidade mais de 900 cartas (*epistolae*), 49 informes (*relationes*) e 8 discursos (*orationes*). Suas obras de maior destaque são as *Orationes I, II e III*, proferidas entre 369-370, e sua *Relatio III*, escrita durante seu tempo como prefeito de Roma em 384. Tais obras lhe renderam a fama de melhor orador de seu tempo ainda em vida. Nossa comunicação tem como objetivo expor o impacto que as *Orationes I, II e III* tiveram na carreira do orador e na relação entre o Senado e o reinado de Valentiniano I. A partir de suas *Orationes*, ressaltaremos a delicada missão do orador, enviado de Roma à Tréveris para servir como ponte entre o Senado e o imperador.

Palavras-chave: Símaco; *Orationes*; Valentiniano I.

AS REPRESENTAÇÕES DE SERÁPIS NA NUMISMÁTICA ALEXANDRINA: UMA ANÁLISE COMPARADA DAS ICONOGRAFIAS MONETÁRIAS DO PERÍODO ROMANO (30 a.C.-192)

Mestra Caroline Oliva Neiva (UFRJ)

Serápis é uma divindade egípcio-helenística cujo culto floresceu na cidade de Alexandria durante os reinados de Ptolomeu I Sóter (305-283 a.C.) e seus sucessores Ptolomeu II Filadelfo (282-246 a.C.) e Ptolomeu III Evergeta (246–221 a.C.). Ao longo do período helenístico e romano, o culto a Serápis se expandiu por todo o Egito e Mediterrâneo. Esta divindade possuía múltiplos atributos, tais como: fertilidade e abundância agrícola, ritos funerários, poder de cura, proteção de Alexandria e dos alexandrinos e, destacava-se principalmente, a Legitimação dos governantes Lágidas (305-30 a.C.). Durante o período Romano este último aspecto foi apropriado pelos Imperadores Romanos e largamente difundido na cunhagem monetária alexandrina. As tipologias monetárias contendo representações da divindade Serápis se iniciaram sob o governo dos Lágidas (305 a.C. – 30 a.C.) e se seguiram durante a dominação romana do Egito, mais precisamente até o final do governo de Diocleciano (390), contudo, nesta comunicação serão apresentadas moedas cunhadas desde o governo de Augusto (30 a.C. - 14) até o governo dos Imperadores Antoninos (96

– 192). A abrangência do culto de Serápis e a veiculação de sua imagética em moedas extrapolou as casas de cunhagem alexandrinas, expandindo-se por todo o Mediterrâneo ao longo de sete séculos, demonstrando como o culto a Serápis passou de local para global. O que propomos a seguir é a apresentação de moedas contendo representações imagéticas da divindade Serápis durante as três primeiras dinastias romanas que governaram o Egito verificando, portanto, as transformações e permanências nas tipologias numismáticas alexandrinas que enfatizam o caráter legitimador de Serápis para com os governantes. Objetivamos, através da comparação entre as variadas tipologias de Serápis legitimando o poder imperial, identificar os períodos em que a cunhagem monetária contendo estes tipos de representação foram mais frequentes.
Palavras-chave: Egito romano; Serápis; numismática.

A CRÍTICA CICERONIANA À TEOLOGIA EPICURISTA: SOBRE AS IMAGENS DOS DEUSES EM *DE NATURA DEORUM*, 1

Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)

No tratado teológico *De natura deorum*, Cícero endereça uma crítica contundente aos limites e contradições da teologia antropomórfica epicurista. Endereçando-se especialmente a Epicuro no que tange ao tema do *deus effigies hominis et imago* (*Nat. D.* 1.103), Cícero solicita uma definição mais rigorosa da distinção entre a imagem de culto (uma forma histórica da figuração do divino) e os *simulacra/imagines* diretamente emanados dos corpos dos deuses, denotando a insuficiência da abordagem epicurista sobre as imagens divinas.

Palavras-chave: Cícero; Epicurismo; Religião Romana.

OS JOGOS FÚNEBRES EM HONRA A ANQUISES NA *ENEIDA* DE VIRGÍLIO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Graduanda Debora de Oliveira Sant'Anna (UFRJ)

A *Eneida* de Virgílio, o canto de louvor ao homem romano, é uma obra multifacetada. Distintos são os caminhos interpretativos que podem ser percorridos. Se analisarmos a obra como veículo divulgador de um ideal político, sob Augusto, observaremos não só a fusão de tempos distintos – um passado que idealizará um grande futuro para Roma, por exemplo-, e de fatos históricos e míticos, como também a eleição e a amostragem de um conjunto de comportamentos considerados como tipicamente romanos, cujo modelo é o herói Enéias. Com ele percebemos, em especial, a *pietas*. Valores como a *pietas*, a *virtus* e a *fides* encaminham o herói virgiliano em suas relações interpessoais e em práticas sacras. Sobressaem dentre essas práticas os jogos fúnebres em honra ao seu pai Anquises, presentes no livro V. A partir destas breves considerações, o presente trabalho visa à apresentação da descrição dos jogos feita pelo poeta, ressaltando a importância dos ritos de homenagem aos mortos na cultura romana.

Palavras-chave: *Eneida*; Jogos Fúnebres; Literatura Latina; Ritual.

A SOBREPOSIÇÃO DE HISTÓRIAS OU A RELAÇÃO ENTRE PASSADO E PRESENTE NAS OBRAS DOS ESCRITORES DA ÉPOCA ANTONINA

Prof. Dr. Deivid Valério Gaia (UFRJ)

Os escritores, historiadores e biógrafos da Dinastia Antonina – século II d.C. - não ousaram criticar a vida de seus próprios soberanos como fizeram com os Júlio-claudianos e Flavianos, e isso por razões bem óbvias. Embora o regime fosse louvado, pelo menos no campo da retórica, como o reino da paz e da liberdade, sabe-se que a realidade era diversa. Se o imperador não gostasse de sua própria história ou biografia, o risco de censura e de morte do escritor seria considerável, sobretudo após Adriano. Nesse sentido, pouco escreveram sobre o presente, no entanto, muito escreveram sobre o passado e quase tudo que se conhece sobre o Império Romano do século I d.C. foi escrito nessa época, haja vista que a maior parte dos escritores, historiadores e biógrafos que chegaram à atualidade, viveram sob a Dinastia Antonina: Plínio, o Jovem, Tácito, Suetônio, Aristides e outros. Esses autores tinham algo em comum, pois, de modo geral, eram bastante influenciados pela perspectiva da ordem senatorial (sendo alguns deles senadores), e eram de origem provincial (exceto Suetônio de cujo local de nascimento não se tem certeza).

Posteriormente, na Dinastia dos Severos e na Antiguidade Tardia, Díon Cássio, Herodiano e os escritores da *História Augusta* também tinham essas questões em comum com os escritores referidos acima. Tendo esse quadro em vista, o objetivo desta comunicação é apresentar alguns questionamentos sobre a escrita da história referente ao século I d.C. (Época Júlio-Claudiana) produzida no século II d.C. pelos autores da Época Antonina. Será analisado como esses autores - marcados pelo modo como a ordem senatorial via e sentia o mundo - conseguiram, de alguma forma, apresentar as angústias de seu próprio tempo na análise e escrita sobre o passado. Palavras-chave: Histogriografia; Dinastia Antonina; Dinastia Júlio-Claudiana

OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA ASTROLOGIA DE MANÍLIO

Prof. Dr. Eduardo Boechat (Pós-Doutorando / UnB)

A apresentação analisa as passagens do poema didático de Manílio, a *Astronômica*, em que são introduzidas as bases filosóficas da doutrina astrológica. O autor alude às doutrinas do filósofo estóico Possidônio de Rodes. Os conceitos epistemológicos de Possidônio surgem nas passagens em que Manílio se endereça diretamente ao leitor da *Astronômica*. O poeta quer aqui reforçar a ideia de que a pessoa que realmente se interessa pelo saber científico está qualificada naturalmente para aprender o que se esconde atrás do destino humano, ou seja, aprender a doutrina astrológica. A passagem enfocada desenvolve a teoria do homem como microcosmo para justificar a aptidão que o ser humano tem para aprender a doutrina astrológica. Como veremos, a teoria do microcosmo segue o fragmento de Possidônio em Sexto Empírico aonde o estoicismo adquire claros contornos pitagóricos. O homem é uma cópia do universo porque ele segue as proporções do universo. O paralelismo entre homem e universo é estabelecido por meio de analogia. O corpo do universo é composto por quatro elementos, e esse corpo é completamente atravessado pela alma que o rege. Da mesma forma, nós somos compostos por corpo, alma e um ânimo hegemônico que os rege. Agora, o nexo científico ou pseudocientífico entre macro- e microcosmo é estabelecido nas ideias da alma sanguínea (*sanguineas animas*), da migração das almas (*in caelum redire animas caeloque venire*) e no ânimo hegemônico que rege corpo e alma (*habitare deum sub pectore*). Então, assim como o sangue circula no corpo, as almas também circulam entre o céu e a terra. Ademais, o deus que habita no coração humano e que rege corpo e alma (*animus qui cuncta gubernat*) é análogo ao sol que Possidônio considerava o astro hegemônico. Ou seja, Manílio estabelece uma analogia entre homem e universo por meio de teorias fisiológicas e astronômicas que eram difundidas nos círculos científicos da época.

O TRIPLISMO NAS IMAGENS DAS *DEAE MATRES*

Mestra Érika Vital Pedreira (Doutoranda / UFF)

Ao longo de nossos estudos sobre as sociedades celtas percebemos que o número três e seus múltiplos, bem como símbolos circulares e triangulares, parecem assumir uma posição de destaque na composição de objetos em geral (armas, adornos, objetos rituais e religiosos). Isso pode ser observado tanto na documentação arqueológica quanto na literária. A esse fenômeno damos o nome de *triplismo*. Nossas análises estão centradas propriamente em objetos de cultura material relacionados às divindades conhecidas como *Deae Matres* ou *Matronae*, produzidos e consumidos durante a dominação romana das regiões da Gália, Península Ibérica, Ilhas Britânicas e Alemanha. Essas divindades geralmente são relacionadas ao *triplismo*, que aparece tanto em sua representação tripla, quanto na triplicidade de atributos e outros elementos na imagem. Para esta comunicação propomos realizar a análise de alguns desses objetos – estatuetas religiosas de divindades – a fim de comprovar algumas de nossas hipóteses, a saber: apesar da dominação, verificamos a manutenção do *triplismo* na confecção desses objetos, os quais defendermos ser objetos emaranhados; a partir de nossas análises também atentamos para similaridades e diferenças entre as imagens, defendendo, assim, que o *triplismo* recebeu novas formas de culto, usos e representações diferenciadas em cada região, atendendo às suas respectivas necessidades e particularidades; apesar de sua importância comprovada, ainda não existem estudos aprofundados para o *triplismo*, sendo o fenômeno do período romano analisado como o mesmo daquele da Idade do Ferro. A partir de nossas análises propomos uma nova abordagem para o *triplismo*, não generalizante. Defendemos que o fenômeno religioso que estudamos está permeado por um contexto de contato e dominação, bem como das

transformações políticas, espaciais e culturais decorridas desses processos. Para tanto tomamos como base a Teoria Pós-Colonial, utilizando os conceitos de Híbridização e Emaranhamento. Palavras-chave: *Triplismo*; Religiosidade; Cultura material; Emaranhamento.

AS FORMAS DE RESISTÊNCIA ESCRAVA E SUA INFLUÊNCIA NAS RELAÇÕES ESCRAVISTAS NA ROMA REPUBLICANA (II-I a.C.)

Graduanda Fabiana Martins Nascimento (UFRJ)

A grande quantidade de escravos que chegava à Itália e a Roma na segunda metade do século II a.C. viria a consolidar e sistematizar o uso da escravidão como mão de obra. A instituição servia tanto como forma de afirmação social quanto como ferramenta econômica. A variedade de locais de onde provinham os escravos os impedia de formar um corpo homogêneo e, além disso, a maioria destes era de primeira geração, - ou seja, recém-escravizados - e viviam, portanto, uma nova realidade. A resposta dos escravos para a escravização em massa, a adaptação à nova realidade e à forma descartável como eram tratados se constituiu em uma série de formas de resistência que variavam desde pequenos conflitos até a eclosão de revoltas servis. A presente comunicação tem por objetivo analisar algumas dessas formas de resistência durante o período republicano e como estas afetavam as relações escravistas, dentro e fora das *uillae* escravistas.

Palavras-chave: Roma; república; escravidão.

GLOSSÁRIO GRAMATICAL LATINO: UMA PROPOSTA DE FERRAMENTA PARA O ESTUDO E ENSINO DE LATIM

Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ)

Graduanda Esther Marie Batista Reis (UFRJ)

Graduanda Lucia Pestana da Silva (UFRJ)

Graduanda Marcelle Mayne Ribeiro da Silva (UFRJ)

Graduando Wallace Pontes de Mendonça (UFRJ)

Esta comunicação objetiva apresentar o *Glossário gramatical latino*, aplicativo desenhado em *Access* para estudo e ensino de latim. A proposta vincula-se à recém-criada linha de pesquisa “Instrumentos para o estudo e pesquisa da língua e literatura latinas”, que integra o ATRIVM e se propõe a desenvolver edições críticas, pesquisas sobre transmissão do texto latino, glossários latinos temáticos/técnicos, pesquisas sobre lexicologia e gramaticologia latinas, antologias, índices, livros-didáticos e *softwares* educacionais. Em sua essência, o *Glossário gramatical latino* consiste num banco de dados composto de cerca de 1.400 palavras latinas correspondentes a 80% de qualquer texto latino, extraídas do livro *Grund- und Aufbauwortschatz Latein* (Vocabulário latino básico e avançado, em tradução livre), de Habenstein, Hermes e Zimmermann, publicado em 1990, em Stuttgart, pela editora Ernst Klett Schulbuchverlag. Cada registro desse banco de dados permite associar a palavra não apenas a classes gramaticais (adjetivo, substantivo, verbo, advérbio, preposição etc.), bem como a subclasses definidas a partir de particularidades morfológicas: ex. declinações, classes adjetivais, temas de *infectum* e *perfectum*, regências, entre outras. O objetivo é possibilitar ao usuário a filtragem dos registros com base em critérios morfológicos, obtendo rápida e precisamente uma lista de palavras para elaboração de aulas e materiais didáticos, ou para o estudo de morfologia latina. A proposta visa à elaboração de dois produtos finais: 1) aplicativo *Access* com um módulo de consulta do banco de dados a partir de parâmetros morfológicos disponibilizados ao usuário num menu, e um módulo de treinamento morfológico; 2) edição digital em PDF da lista completa de palavras do banco de dados, organizadas em classes e subclasses, navegáveis por hiperlinks internos.

Palavras-chave: Glossários; Aplicativos; Morfologia Latina; Ensino de Latim.

POESIA E GÊNERO NA ATENAS CLÁSSICA: A ANDRÔMACA DE EURÍPIDES

Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (UFRJ)

Encenada durante a guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), a tragédia *Andrômaca* de Eurípides permite a discussão acerca das relações de poder estabelecidas entre esposa legítima e concubina, mulheres e homens e também espartanas e troianas. Nesta comunicação, propomos estudar essas relações de poder feminino na Atenas clássica (séculos V e IV a.C.). A disputa de poder entre Hermíone (esposa legítima) e Andrômaca (concubina) tem como base o casamento e a

condição de esposa legítima, a maternidade e os espaços de atuação das mulheres gregas. Esta rivalidade evidencia a heterogeneidade dos grupos femininos e a dinâmica entre os gêneros, pois há uma reflexão sobre o poder masculino.

Palavras-chave: Gênero; Atenas Clássica; Teatro grego.

RITUAIS, SACRIFÍCIOS E ORAÇÕES PARA A HARMONIZAÇÃO COM O DIVINO: A DEFESA DOS PROCESSOS TEÚRGICOS NA ARGUMENTAÇÃO DOS LIVROS V E VII DE *SOBRE OS MISTÉRIOS*, DE JÂMBLICO DE CÁLCIS

Profa. Dra. Fernanda Lemos de Lima (UERJ/UFRJ/FAPERJ)

Jâmblico de Cálcis, filósofo assírio cuja escola de Apamea difundia o pensamento platônico com contornos de conhecimentos teúrgicos egípcios, assírios e babilônicos, entre os séculos III e IV, é autor de uma obra bastante robusta cujo objetivo é a defesa lógica, por meio de argumentos, filosóficos, teológicos e teúrgicos, das práticas ritualísticas. Tais práticas, como argumenta o filósofo assírio, visam à harmonização da alma encarnada, promovendo seu equilíbrio em relação aos elementos da processão divina originada do Uno. Particularmente, no livro V da obra *Sobre os mistérios*, é possível observar como a realização de práticas ritualísticas, as quais englobam a oração e os sacrifícios, são fundamentais para a elevação e purificação da alma. Entretanto, cabe lembrar a razão pela qual o autor foi impelido a argumentar a respeito da teurgia: uma resposta aos questionamentos do filósofo Porfírio, também um neoplatônico e, provavelmente, antigo mestre de Jâmblico, de quem discorda na questão da teurgia como meio de acesso ao divino e, por isso mesmo, teria composto o texto dirigido, talvez a um discípulo de Jâmblico, Anebó, cujo nome está no título da obra *Carta a Anebó* e gerou o texto *Resposta do mestre Abámon à carta de Porfírio dirigida a Anebó e soluções às dúvidas nela expressas*, nome original de *Sobre os mistérios*. Diante do quadro apresentado, pretende-se investigar como é constituída a defesa dos rituais que englobam orações e sacrifícios no contato com os elementos da processão divina, a partir da ótica do assírio, a qual engloba, igualmente, explicações sobre os símbolos egípcios e o uso de nomes “bárbaros” nas orações ritualísticas, presentes no livro VII de *Sobre os mistérios*. Para tanto, serão utilizados, não apenas o texto de *Carta a Anebó*, em que se encontram as aporias a serem respondidas na obra de Jâmblico, mas também *As enéadas*, de Plotino, no que diz respeito à alma e à sua relação com o divino. Igualmente, serão utilizados textos críticos da obra que se constitui como objeto de reflexão da pesquisa, como os de Taormina, Finamore e Uzdavinys.

Palavras-chave: Jâmblico de Cálcis; ritual; teurgia.

A RECEPÇÃO CONTEMPORÂNEA DA CIÊNCIA SUPREMA NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES

Prof. Dr. Guilherme Costa Assunção Cecílio (UFRJ)

A *Metafísica* contém diversas formulações que supostamente fazem referência à ciência que ocuparia o topo da hierarquia dos saberes. Há, porém, grande divergência entre os estudiosos acerca da possibilidade de se compatibilizarem efetivamente essas diferentes fórmulas. Sendo assim, uma das questões mais relevantes que se impõe ao leitor da *Metafísica* é determinar se a obra se ocupa com uma única ciência suprema ou se, ao contrário, ela contém diferentes projetos de ciência suprema. Neste trabalho, procuraremos analisar criticamente as posições de alguns dos mais relevantes intérpretes contemporâneos acerca da questão em tela.

Palavras-chave: Aristóteles; *Metafísica*; Ontologia.

ELEMENTOS DA “FEITIÇARIA COMUM” NA MEDEIA DE SÊNECA

Graduado Gabriel Paredes Teixeira (Mestrando / UFRJ)

Estudos recentes apontam para a necessidade de separar as figuras literárias de Medeia e Circe daquelas que podemos chamar de “feiticeiras comuns” da literatura latina (POLLARD, 2008; OGDEN, 2008). Para os pesquisadores que defendem este ponto de vista, o caráter elevado e a distância mítica de Medeia a afastam das velhas feiticeiras de aparência detestável e hábitos condenáveis presentes em diversas obras literárias romanas a partir do século I a.C. Sendo assim, mantém-se a tendência (já antiga) de análises compartimentadas destes dois tipos de personagens dentro das pesquisas sobre a magia na literatura antiga. Embora reconhecendo o possível mérito

neste tipo de abordagem – já que aponta para uma pluralidade das representações literárias da magia – este trabalho pretende questionar a plenitude desta divisão. Para tanto, propõe-se uma análise da presença de características próprias às “feiticeiras comuns” na representação de Medeia como elaborada por Sêneca. O autor, que raramente é citado em textos sobre estudos da magia na literatura latina, utiliza motivos até então recorrentes e que continuariam sendo explorados por autores dos séculos seguintes. Entre eles, podemos citar: a invocação de fantasmas, o controle e a inversão dos elementos da natureza e até a repetição de fórmulas mágicas já apresentadas em outras obras. “Feiticeiras comuns” são encontradas em textos de diversos autores, como Horácio (*Sátiras e Epodos*), Tibulo, Propércio, Ovídio (*Amores e Fastos*), Petrônio, Lucano e Apuleio (*O Asno de Ouro*). Sêneca, contudo, parece ter sido o único a utilizar os elementos típicos a essas personagens como material trágico. Tal presença da feitiçaria em uma obra de caráter elevado nos leva a supor que se tratasse de assunto importante para a audiência romana. Além disso, a precisão que a peça revela quando contrastamos algumas de suas descrições com os rituais e fórmulas contidos nos papiros de magia e nas tábuas de imprecação sugerem um amplo conhecimento do tema por parte do autor e possivelmente do público, para que pudesse apreciar a obra. Por fim, este trabalho tenta contribuir para as discussões acerca da presença da magia na literatura de Sêneca, autor muito conhecido pelos tratados filosóficos mas amplamente ignorado nos estudos literários sobre magia (GRAF, 2001; OGDEN, 2004; TAVENNER, 2015).

Palavras-chave: Sêneca; Medeia; Feiticeiras; Magia.

APORIAS, ANTÍTESES E OPOSIÇÕES: SOLUÇÕES À TRADUÇÃO DO LIVRO VI DE JÂMBLICO

Profa. Dra. Giovanna Marina Giffoni (UERJ/Graduanda UFRJ)

O texto *De Misteriis Aegyptiorum*, de Jâmblico de Cálcis, cujo título foi atribuído posteriormente pelo tradutor da obra para o latim, é uma resposta ao ataque do filósofo neoplatônico Porfírio às práticas teúrgicas que visam à interação do humano com o divino e, em última instância, com o Uno. Porfírio, em sua Carta a Anebó, faz uma série de questionamentos referentes às concepções teúrgicas que envolvem deuses, e práticas teúrgicas, chegando a propor que haveria a ideia de que os deuses obedeceriam aos sacerdotes. Jâmblico, filósofo neoplatônico, que fora discípulo de Porfírio, constrói uma resposta à carta de seu mestre, dirigida aparentemente a outra pessoa menos indicada para responder, no caso, Anebó, discípulo da personagem criada pelo filósofo assírio para responder ao seu ex-mestre. A personagem criada para responder às questões propostas por Porfírio é o mestre Abamon, dado que levou a alguns questionamentos sobre a autoria da obra, cujo título original é Resposta do mestre Abámon a carta de Porfírio dirigida a Anebó e soluções às dúvidas nela expressas. Entretanto, já encontramos informações, em comentários de Michail Psellós, que asseguram a autoria do livro como sendo do filósofo de Cálcis. A resposta é estruturada em um texto imenso, dividido pelos editores em dez livros. O presente estudo tem por objetivo trabalhar o processo de argumentação jâmbliqueana ao longo do livro VI, no qual é possível observar como a contra-argumentação constrói-se com os nós das contradições, aporias e oposições, desnudadas anteriormente pela crítica realizada por Porfírio, dando-lhes soluções, desembaraçando-lhes a partir da própria natureza do divino. Para tanto, igualmente, foi realizado um levantamento vocabular das palavras relacionadas, de algum modo, com uma argumentação filosófica e teológica, além de evidentemente teúrgica, que nos leva a compreender como o vocabulário jâmbliqueano se inscreve no âmbito do racionalismo e, diferente do que postulam alguns críticos, não se trata de uma celebração do irracional. A defesa da teurgia, portanto, se dá nessa obra principalmente no campo da lógica, prescindindo de demonstrar com evidências a eficácia dos rituais. Assim, é fundamental, para a realização da tradução, a identificação desses pontos críticos, desses nós, que amarram o fio condutor do discurso apologético do teurgo, afirmado na medida da sua dupla negação.

Palavras-chave: Jâmblico; Teurgia; Tradução; *Lógos*

ENEIAS E A PIETAS

Graduando Gleison Araujo de Castro (UFRJ)

Há distintos elementos que caracterizam um herói literário. Observamos, por exemplo, traços físicos, comportamentos no grupo a que pertence, a forma como estabelece suas relações familiares e, em alguns casos, o sistema de crenças a que se filia. O grande herói de Virgílio na *Eneida*, Enéias, pode ser estudado através desses critérios de observação. O herói virgiliano, que representaria um ideal de existência plena na sociedade romana, destaca-se pelas atitudes que o tornam *pius* por excelência. E a *pietas*, que em termos gerais marca sentimentos de obrigação para com aqueles com os quais se convive, amplia-se para o entendimento de um sentimento religioso. Assim, o presente trabalho visa destacar, nas atitudes de Enéias, os valores devocionais, através de uma proposta de análise de elementos e espaços ritualísticos.

Palavras-chave: Enéias; *Pietas*; Ritual.

A CATÁBASE DE ENEIAS – UM (RE)CONHECIMENTO

Mestra Hiasmin Peres Rodrigues (UFRJ)

A descrição da viagem de Enéias aos Mundos Inferiores revela, além dos procedimentos ritualísticos, questões pertinentes não só para o desenrolar da ação, necessária à consagração do herói, como também para o conhecimento e a aceitação de seu *fatum*. O presente trabalho propõe então uma análise do perfil do herói, construído a partir do percurso descrito no Canto VI da *Eneida*, de Virgílio.

Palavras-chave: *Eneida*; Herói; Catábase; Ritual.

PAULO DE TARSO E A MORAL ESTOICA: UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO 12 DA CARTA AOS ROMANOS

Graduando Ian Ferreira Bonze (UFRJ)

O Império Romano, no século I d.C., conheceu um momento de forte integração por todo o Mediterrâneo antigo. Com as ações do principado de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), como a instauração da Pax romana, a construção de estradas que interligavam todo o território, dentre outras, o fluxo de produtos e informações se tornou cada vez mais fácil e intenso. Tais ações, mantidas pelos sucessores em toda a dinastia julio-claudiana (27 a.C. – 68 d.C.), possibilitaram um terreno fértil para o desenvolvimento de uma nova manifestação religiosa de caráter monoteísta: o cristianismo. Essa expansão se deu a partir da figura proeminente de Paulo de Tarso, conhecido pela tradição cristã como o “apóstolo dos gentios”. Nascido em Tarso, na Província da Cilícia, local de diversas escolas filosóficas, sobretudo do estoicismo, Paulo foi o responsável pela disseminação dos ideais cristãos, por meio de diversas correspondências enviadas às comunidades cristãs recém-fundadas no território do Império. Tendo em vista a integração possibilitada pelo imperialismo romano e o constante fluxo de informações, ensinamentos e correspondências pelos grandes centros urbanos, além da condição de Tarso da Cilícia como grande centro filosófico estoico no período romano, teria o “apóstolo dos gentios” bebido da fonte do estoicismo e, assim, lançado mão da moral estoica para sua doutrinação cristã? O objetivo desta comunicação é analisar o capítulo 12 da Carta de Paulo aos Romanos, escrita durante o principado de Nero (54 d.C. – 68 d.C.), a fim de identificar os princípios da moral estoica presentes em sua doutrina. Para tal, também analisaremos, como fonte documental estoica, as Cartas de Sêneca a Lucílio. Lúcio Aneu Sêneca tornou-se o preceptor do imperador Nero e escreveu suas correspondências para Lucílio a fim de doutrina-lo na moral estoica, no mesmo período em que Paulo escreveu sua Carta aos Romanos. Dessa maneira, a partir de uma perspectiva comparada, verificaremos no corpus paulino a presença da moral estoica – identificada a partir da constante luta entre a virtude e a paixão, pela ambição do modelo do sábio, o princípio dos indiferentes etc. – imbricada com os ideais judaico-cristãos presentes em sua obra. Por fim, para que este objetivo seja atingido, utilizaremos o aparato teórico-metodológico da análise do discurso indicado por Dominique Maingueneau. Dessa maneira, considerando os lugares de produção e de interpretação, as experiências sociais dos autores, bem como seus enunciados, pretendemos, a partir dos discursos presentes nas obras supracitadas, identificar a aproximação do cristianismo paulino à moral estoica do período romano.

Palavras-chave: Paulo de Tarso; Sêneca; estoicismo.

OS JUDEUS COMO ATEÍSTAS? – IMPLICAÇÕES EM JOSEFO EM SEU *CONTRA ÁPIO II*

Graduado Jônatas Ferreira de Lima Souza (Mestrando /UFRJ)

A existência de indivíduos ou mesmo de comunidades de homens e mulheres descrentes não parece ser um elemento puramente dos nossos tempos, mas um comportamento muito antigo na experiência humana no tempo. Resta-nos investigar quais são os principais pontos que distinguem um ateu antigo de um ateu moderno. Dentre as muitas possibilidades de estudo, como o realizado pelo historiador francês Georges Minois em sua obra *História do Ateísmo* de 1998, o importante neste trabalho será a caracterização de um ateu na Antiguidade Clássica (Atenas do século V-IV A.E.C. e Roma do Século I A.E.C.-II E.C.), particularmente sobre a acusação de ateísmo aos judeus que foi registrada por Flávio Josefo em seu *Contra Ápio II*, obra do século I E.C. Para isso, adentraremos nas percepções do filólogo dinamarquês Anders Drachmann (1860-1935) por sua obra *Atheism in Pagan Antiquity* de 1922. Tal pesquisa, clássica a respeito do tema, nos ajudará a perceber os motivos de os judeus terem sido acusados de ateísmo, de acordo com o registro em Flávio Josefo.

Palavras-chave: Ateísmo; Antiguidade Clássica; Judeus; Josefo.

O PODER EM CONSTRUÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS MURALHAS CIDADINAS E SUAS DIVERSAS REPRESENTAÇÕES

Graduando Jordão de Campos Pereira (Faculdade Saberes)

Esta comunicação tem por objetivo analisar as muralhas presentes em *Augustodunum* e *Augusta Treuerorum*, importantes cidades do norte das Gálias, durante o Império Romano. Partimos dos vestígios arqueológicos do que restaram das fortificações, investigando as dimensões e os materiais; o formato e o estilo das muralhas. Tais dados podem ser observados por meio do *Tratado de Arquitetura*, de Vitruvius. As características arquitetônicas e funcionais – a saber, a proteção dos edifícios públicos e a posição estratégica para a guerra – adicionaremos reflexões sobre o poder representativo deste monumento, como as metáforas que levam a reafirmar o espaço e o poder da elite que vive dentro da cidade e mantém os custos de sua estrutura.

Palavras-chave: Fortificações; Muralhas Cidadinas; Evergetismo; Vitruvius.

O MODELO DE EDUCAÇÃO PARA O *VIR BONVS* SOB AS PERSPECTIVAS DE CÍCERO E QUINTILIANO

Graduando Josué Souza da Costa (Faculdade Saberes)

A educação romana foi estabelecida a partir dos interesses político-militares das autoridades da *res publica*, o que é observado na formação do *uir bonus*, ou seja, o modelo de cidadão de Roma. É no espaço do *forum* e através de dois rituais, o *tirocinium militae* – no campo militar – e o *tirocinium fori* – durante a *liberalia* – que o *puer* tinha sua inserção na vida pública, passando assim a expressar todos os princípios políticos da sua cidadania. Analisaremos este processo por meio das obras de Cícero, profícuo comentador deste tema, e da *Institutio Oratoria*, de Quintiliano.

Palavras-chave: *Vir Bonus*; Cícero; Quintiliano.

AS RELAÇÕES HOMOAFETIVAS E O PODER EM ROMA

Graduado Leandro Cordeiro de Souza (Mestrando/UFRJ)

A homoafetividade na antiguidade surge como um elemento a ser discutido e debatido. Até onde a homoafetividade pode ser encontrada na antiguidade? Ainda que seja um conjunto de questionamento do tempo atual perante documentos e dados deixados pela antiguidade, a forma como se relacionavam sexualmente os romanos, pode ser elucidativo a entender os próprios limites que aquela sociedade se impunha, especialmente se observarmos a relação entre homens em seu caráter afetivo. Essa comunicação faz parte da pesquisa que desenvolvo sobre a difícil relação entre homoafetividade e poder dentro do ambiente do século I d.C. em Roma, durante o governo Neroniano. Para analisar esse tema, foram escolhidos dois documentos: *Satiricon*, cuja autoria é atribuída a Petronio, e, do outro lado a Vida dos Doze Césares, de Suetônio, com uma perspectiva

focada no Imperador Nero. Os dois acabam formando visões díspares no campo social, de um lado uma percepção enviesada de um indivíduo de uma ordem abastada a respeito da população mais empobrecida, no caso o *Satiricon* de Petrônio. Do outro, Suetônio, um historiador da dinastia Antonina observando os fatos e acontecimentos de anos atrás de inúmeros Imperadores, até a chegada da Dinastia Antonina. As relações homoafetivas são descritas, no caso do *Satiricon*, na relação existente entre Encólpio e Gitão e em todo o texto, através das relações entre outras personagens, como é o caso do filósofo Eumolpo, ou de Ascilto, no início do excerto. *Satiricon*, escrito em latim vulgar, e com essa perspectiva enviesada pode nos trazer elementos reflexivos, ainda que limitados pela ótica da classe abastada que vivia, a perspectiva de um *populus* romano. Enquanto que Suetônio não escreve no período do governo de Nero, porém escreve sobre esse período tentando demonstrar qual é o governo ideal, para tanto carrega em uma imagem extrema do Imperador Nero e o traz casando com o próprio Liberto e o chamando de sua esposa morta. Suetônio, nessa cena, como em outras, tem um discurso que deseja carregar, permear e justificar e fica a questão: até onde a construção, seja satírica, seja historiográfica, das práticas sexuais pode servir a um discurso, seja para qualificar, seja para desforizar? A pesquisa se encontra em andamento e a análise dos textos, assim como do período também estão sendo produzidos.

Palavras-chave: homoafetividade; Nero; *Satiricon*; Roma.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A REPRESENTAÇÃO SOCIAL CARTAGINESA EM *POENULUS*

Graduando Lucas Marques Ribas (UFRJ)

O presente trabalho se encontra em estágio inicial de pesquisa e objetiva apresentar algumas considerações a respeito da representação social cartaginesa na peça *Poenulus* de Plauto (230-180 a.C.). Roma e Cartago se colocaram frente a frente em três grandes conflitos conhecidos como as Guerras Púnicas, destacando-se aqui a Segunda Guerra (218-202 a.C.). Plauto escreveu essa peça – entre 195 e 189 a.C. – visando sua apresentação em uma festividade em comemoração à derrota de Cartago em 202 a.C. A memória da guerra ainda estava muito recente no imaginário romano e a peça buscou atender o interesse do público romano pelos cartagineses. Para alcançar esse objetivo, será usada a teoria de Representação Social de Moscovici e a análise de discurso, para que possamos compreender, dessa forma, a maneira como Roma construiu a imagem de Cartago e de sua sociedade, e, por fim, se a peça correspondeu às expectativas de seu público.

Palavras-chave: *Poenulus*; Cartago; Representação Social

AGESILAU II E O SAGRADO COMO MECANISMO DE PODER POLÍTICO, NA ESPARTA DO SÉCULO IV A.C.

Mestre Luis Filipe Bantim de Assumpção (Doutorando / UFRJ)

Durante o período Clássico notamos que vários autores tomaram Esparta como modelo de conduta aristocrática. No entanto, no século IV a.C. esta pólis vivenciou a sua mais intensa desestruturação político-social. Nesse período reinava a dinastia Euripôntida, com o basileu Agesilau II, cujas atitudes e práticas de ordem político-militar permitiram que muitos pensadores antigos o tomassem como um exemplo de virtude moral. Imersos nessa ótica, analisaremos – através da documentação literária – a postura de Agesilau II diante do sagrado, seja para obter os favores divinos, seja para fortalecer o ânimo de seus guerreiros.

Palavras-chave: Antiguidade; Esparta; Agesilau; Religião.

APULEIO – A DEMONOLOGIA NEOPLATÔNICA DO PONTO DE VISTA ROMANO

Prof. Dr. Luiz Karol (UFRJ)

O segundo século de nossa era foi um momento ímpar na história da humanidade, pelo menos no que tange ao Império Romano, que, por assimilar e proteger a herança da cultura grega, tornara-se aquilo que Paul Veyne designa por Império Greco-romano. Mesmo tutelados pelo poder romano, os gregos desse período tentam restabelecer a grandiosidade de suas *πόλεις*. Trata-se então do período conhecido como a Segunda Sofística. Apuleio de Madaura, a exemplo dos sábios desse período, tornara-se um orador de concerto de muito sucesso em Cartago e legou-nos três obras

sobre filosofia platônica. Nosso trabalho versará sobre uma delas, *De deo Socratis*, palestra proferida em latim sobre um dos mais instigantes assuntos do Platonismo Médio, os *daemonēs*. Trata-se do único e mais abrangente documento em latim a tratar do assunto.

Palavras-chave: Apuleio; *De deo Socratis*; Demonologia; Segunda Sofística; Platonismo Médio

PIETAS E AÇÃO POLÍTICA NO *DE RERUM NATURA* DE LUCRÉCIO: UMA NOVA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE OS *AUSPICIA* E O *IUS IMPERII*

Mestra Maria Eichler Sant' Angelo (Doutoranda / UNIRIO)

Proponho tratar na presente comunicação do comentário de Lucrécio a respeito de um dos meios mais influentes de exercício de poder da República Romana Tardia, pois permitia interferir nas questões presentes e assegurar o controle sobre decisões futuras: os *auspicia*, sinais enviados por Júpiter, cujo manejo era prerrogativa exclusiva das mais altas magistraturas patricias, entre elas consulado, pretura, censura etc. Centraremos nossa discussão na crítica feita pelo poeta e filósofo epicurista acerca da intensificação do uso dos *auspicia* por parte das facções da elite romana. Ao longo do século I AEC, seus membros a elas recorreram com maior frequência na condição de instrumentos de controle político, na disputa por recursos de poder e autoridade político-social, conforme a crise da tradição ancestral e as desordens e tensões sociais provocadas pelas guerras civis impuseram circunstâncias novas e adversas. Interessa-nos considerar a lógica da instrumentalização dos *auspicia* principalmente diante do cenário desafiador de aprofundamento das campanhas militares e urgência crescente de administrar o funcionamento da estrutura relativamente complexa e em expansão do *imperium Romanum*, território religioso e etnicamente diversificado. As conquistas e a realidade de um vasto império exigiram que as magistraturas tradicionais cedessem espaço a novos personagens políticos, cujo poder começou a elevar-se acima de seus pares: os comandantes, com contingentes militares sob seu controle e fidelidade. Cumpre destacar que a tomada dos *auspicia* constituiu uma instância legítima e estratégica de encaminhamento de ações políticas coordenadas e objetivas de enorme consequência para a conexão da *urbs* com as regiões do império, renovando ou reiterando seus limites. Afinal, os auspícios de investidura possuíam como prerrogativa fundamental conceder *imperium* ao magistrado. Havia os auspícios de partida para a guerra, que davam aos magistrados superiores o *imperium militiae*. Analisaremos três seções do *De rerum natura*: o hino a Vênus (1.1-43), o elogio a Epicuro como um general romano em triunfo (1.62-79) e o comentário a respeito do desenvolvimento da sociedade humana (5.1129-30).

Palavras-chave: *De Rerum Natura*; Lucrécio; *auspicia*; *imperium*.

A PIETAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DAS VIRTUDES ROMANAS: UMA ANÁLISE DAS OBRAS *HISTÓRIA ECLESIASTICA* E *VITA CONSTANTINI*, DE EUSÉBIO DE CESARÉIA

Graduanda Marcela da Penha Coco (Faculdade Saberes)

Nossa pesquisa compreende o século IV d.C. e se guia pelo conceito de Antiguidade Tardia. Cunhado por uma historiografia mais recente, este conceito nos impulsiona a realizar uma análise atenta às permanências que vão até o século VIII d.C. Nosso objetivo é explorar os princípios que norteiam a *Humanitas*, o sistema de formação clássico, cada vez mais ligado às estruturas de poder, sobretudo no chamado “contexto cristão”. Nesta comunicação, especificamente analisaremos a *pietas*, verificando como esta virtude é ressignificada ao receber um novo sentido durante o governo do imperador Constantino I. Para tanto, discutiremos a relação entre o Estado e as práticas religiosas a partir das obras de Eusébio de Cesaréia.

Palavras-chave: *Pietas*; Antiguidade Tardia; Cristianismo; Eusébio de Cesaréia.

LAS DELICIOSAS NIÑAS DEL CERTERO

Profa. Dra. Maria Cecilia Colombani (UM)

Los sistemas de creencias, rituales y magia en la Antigüedad constituyen dispositivos religiosos de enorme complejidad y riqueza que instituyen los modos de instalación de los hombres en el mundo cotidiano, traspasando y definiendo toda la trama social. El campo de referencia define un *tópos* de tensiones y juegos de poder que refuerzan la consolidación

de las sociedades Antiguas, profundamente transidas por lo mágico-religioso como patrón de su instalación. Lo sagrado y sus polifónicas manifestaciones conmueven, y producen el *páthos* de temor y respeto que caracteriza los vínculos entre los hombres y la divinidad. El proyecto de la presente comunicación consiste en abordar una dimensión festiva de Apolo presente en el *Himno Homérico* dedicado al dios, a partir de una experiencia ritual situado en Delos que toma la forma de una fiesta celebratoria, donde las niñas delias constituyen una pieza fundamental del espacio religioso.

Palavras-chave: Apolo; Fiesta Ritual; Niñas; Alegria.

CULTURA CRISTÃ E CULTURA CLÁSSICA: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE VARRÃO NA OBRA *A CIDADE DE DEUS*, DE AGOSTINHO

Graduanda Maria Luiza Silva Patury e Souza (UFRJ)

Nesta comunicação terei como objetivo analisar a visão de Agostinho (354-430 d. C.) sobre a religião tradicional romana, através do estudo de uma de suas obras mais conhecidas, *A Cidade de Deus*. Isso será feito a partir dos argumentos tecidos e da crítica combativa que o autor faz a Marco Terêncio Varrão (116-27 a. C.), um alto representante da cultura romana clássica, a quem o autor, apesar de admirar, ataca diretamente. Explorando essas críticas de forma atenta, buscarei mostrar a visão do bispo de Hipona sobre os rituais e manifestações em homenagem aos Deuses, sobre os mitos e sobre o comportamento do homem romano em geral, que absorve e reproduz certa lógica guiado por sua religião. Entendendo melhor a visão agostiniana do mundo ao qual Varrão pertence, pretende-se também evidenciar os afastamentos, as interações e as confluências entre a cultura clássica e a cristã, ou seja, como se dá a transição entre essas duas realidades.

Palavras-chave: Agostinho de Hipona; Varrão; *A Cidade de Deus*

A MORTE EM MARCIAL

Graduanda Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha (UFRJ)

Os ritos fúnebres, na Antiguidade, se caracterizavam por ser um momento especial para a família, ou a cidade, do morto. Ali eram destacadas as glórias e as riquezas do indivíduo. O sepultamento seguia certo ritual, onde, como se fosse um grande espetáculo, contavam-se fatos sobre sua vida, como, por exemplo, casamento e conquistas, expunha-se o cadáver, fazia-se elogios ao morto, e havia também a cremação ou inumação. É no contexto dos elogios ao morto que se insere a vertente funerária do gênero epigramático. O objetivo principal deste tipo de epigrama, pelo menos em um primeiro momento, era ser um texto comemorativo. Os epigramas escritos nas lápides serviam de lembrança do falecido, perdurando pela memória entre os vivos. O presente trabalho tem como objetivo apresentar esta vertente, dentro dos epigramas de Marcial, trazendo a lume os epigramas VI, 52, X, 50 e X, 61. Também objetiva demonstrar um outro lado do poeta epigramático, conhecido por seus epigramas com nuance mordaz, tiradas sarcásticas e intensa ironia.

Palavras-chave: Epigrama; Literatura Latina; Marcial; Morte; Ritual.

LAÇOS DE DEPENDÊNCIA NA ROMA TARDO-REPUBLICANA: UMA ANÁLISE ECONÔMICA-ANTROPOLÓGICA A PARTIR DAS CARTAS DE CÍCERO

Graduanda Mayan Rodrigues Melo Braga (UFRJ)

A epistolografia ciceroniana constitui grande parte do acervo documental remanescente do último século da república romana. Nela, encontramos preciosas informações sobre a vida social, política e econômica do período, e, sobre este último aspecto, as cartas nos apresentam relatos importantes do autor sobre as transações financeiras ocorridas em seu círculo sócio-político. Proponho analisar, na presente comunicação, de que forma tais transações poderiam gerar laços de dependência entre as partes envolvidas e como tal processo pode ser analisado à luz de algumas teorias econômico-antropológicas desenvolvidas ao longo do século XX, como a Teoria da Reciprocidade, desenvolvida por M. Mauss e o Ciclo de Reciprocidade, de M. Sahlins.

Palavras-chave: Cícero; epistolografia; Reciprocidade

AULULARIA: PERSPECTIVAS SOCIOECONÔMICAS ACERCA DO PATRIMÔNIO NA COMÉDIA DE PLAUTO

Graduanda Nathália Eugênio da Costa (UFRJ)

Neste trabalho, temos como objetivo principal analisar a peça teatral *Aulularia*, escrita por Plauto entre o fim do século III d.C e o início do século II d.C., tendo como problemática principal o estudo de alguns aspectos socioeconômicos apresentados na peça, sobretudo os que se relacionam ao personagem Euclião, que é apegado a uma panela de ouro que lhe foi entregue pelo deus Lar. Pretendemos abordar questões ligadas ao patrimônio e à avareza e como elas se relacionam com os aspectos cotidianos descritos na peça, de forma que seja possível traçar um paralelo entre o contexto histórico e a documentação.

Palavras-chave: Plauto; *Aulularia*; patrimônio.

DA ANTIGUIDADE A HARRY POTTER – UM ESTUDO SOBRE O ARQUÉTIPO DO HERÓI

Graduado Nathan Rodrigues da Silveira Murizine Branco (Mestrando/UFRJ)

Todo indivíduo contaminado com a germe da civilização e da sociedade em algum momento da vida (normalmente, em seus primeiros anos) depara-se com a narrativa heroica, independente do lugar, da religião ou da estrutura sociopolítica em que se encontra. Mais que um fato social Durkheimiano, as histórias sobre o indivíduo de origem misteriosa que realiza grandes feitos em prol da comunidade são um arquétipo. O mito do herói domina de tal maneira a humanidade que o próprio herói está subjugado a ele. Nossa literatura prefere um personagem principal que exiba seus feitos e conquistas, desde as primordiais *Ilíada*, *Odisseia*, *Eneida* e *Epopeia de Gilgamesh* aos atuais quadrinhos transformados em filme. Na concepção de C. Jung, o arquétipo é sempre uma imagem que pertence à humanidade inteira e não somente ao indivíduo. Não há o que se possa fazer para mudar esta natureza, apenas embarcar na interminável busca da compreensão desta característica humana. Muitos de nossos contemporâneos empregam a palavra mito a fim de designar uma história falsa, uma mentira. Entretanto, seu valor primordial indica o oposto: o mito como verdade. Não nos interessa, neste estudo, as circunstâncias históricas e cronológicas que transformaram a semântica do verbete. Tampouco, levantar uma bandeira de um em detrimento de outro. Deve-se ter com muita clareza a ideia de que os significados são diferentes porque identificam signos distintos. O *mythos* (também chamado por M. Eliade de “mito vivo”) continua a cumprir seu papel social, pois justifica o comportamento de todas as sociedades atuais, bem como na antiguidade. O Monomito, ou mito do herói universal, foi teorizado por Joseph Campbell em *Herói de Mil Faces*, compilando as semelhanças do maior número de mitos e contos folclóricos possíveis e tornando latente ao leitor seu caráter arquetípico. A respeito do herói, são comuns a todas as sociedades a ocasião conturbada de seu nascimento, a aventura (um rito de passagem que o difere dos demais cidadãos), o ícone da figura materna e, suas transformações. Diante do cenário apresentado, o presente trabalho se propõe a analisar o Monomito como um arquétipo a partir dos estudos de Jung, Campbell e Vogler.

Palavras-chave: Herói; Harry Potter; Antiguidade Clássica; Arquétipo.

TRÊS MULHERES, SEUS DESEJOS E ENCANTAMENTOS

Graduanda Nicolle de Souza Santos (UFRJ)

A partir de uma análise do comportamento de personagens femininas envolvidas em rituais mágicos, como a Amarilis, da oitava égloga e a Dido da *Eneida*, em Virgílio, e as feiticeiras da sátira I, 8, em Horácio, o objetivo deste trabalho é observar o destaque das mulheres nesses rituais. Tais personagens são descritas por vezes como impiedosas, mas sempre se apresentam como plenas de habilidades nos encantamentos. São movidas por desejos: o desejo de ter o que um dia possuíram, ou de conseguir uma resposta, ou até mesmo de se entregar à morte, o que as distanciaria de um papel coadjuvante. Acrescente-se que o desejo por aquilo que não conhecem, e até mesmo por um amor que se tornara impossível, faz com que as mulheres possam sair de um limitado universo doméstico e assumam papéis de manipuladoras de seus próprios destinos.

Palavras-chave: Mulheres; Literatura Latina; Ritual; Encantamento.

TEMPO E TRADIÇÃO EM AGOSTINHO DE HIPONA

Graduado Rafael Alverne Freitas de Albuquerque (Mestrando / UFRJ)

Agostinho de Hipona é uma espécie de marco filosófico para o fim do período que E. R. Dodds chamou de *age of anxiety*. A geografia dessa ansiedade é ampla e conserva pelo menos dois aspectos principais. Por um lado, o material, que está repleto de eventos históricos, políticos e econômicos de relevo. Por outro, provavelmente indissociável do anterior, o espiritual, por falta de uma palavra mais precisa, que responde a uma série de mundividências que mesmo em seu caráter filosófico estrito poderiam facilmente ser classificados hoje como religiosos. Aqui, os embates entre a religião e a filosofia tradicionais e a religião e filosofia cristãs acontecem, e dessa história, Agostinho responde por uma das tarefas mais drásticas, que corresponde a uma secularização, nas palavras de Peter Brown, do mundo pagão e a consequente apropriação de uma tradição que, por definição, não se encerra em si mesma. Mas o que Peter Brown chama de secularização, talvez caiba melhor na definição de *profanar*, conforme a lição de Agamben, e segundo a lembrança de que a secularização é um fenômeno moderno em relação ao cristianismo. Este trabalho pretende discutir os pontos de articulação dessa tradição, observando os conceitos de tempo e eternidade em Agostinho e sua relação profunda com os ideais de felicidade do mundo antigo, entendendo-os do ponto de vista da conservação e da traição inerentes à passagem de mãos dos conceitos e dos debates ao longo do tempo. Além disso, também irá analisar se esse processo pode ser visto como essencialmente inerente à forma de recepção e propagação do conhecimento de Agostinho, justificando a proposição aparentemente anacrônica de Peter Brown e a conceituação de Agamben. Esse processo, sobretudo em seu debate com a tradição, se faz evidente principalmente na *Cidade de Deus* e no “Livro XI” das *Confissões*, em que a própria temporalidade da natureza é contraposta à da Criação, mas em que, ao mesmo tempo, o aparato de compreensão de mundo se liga ainda ao *Summum Bonum* e à beatitude, ao platonismo e ao neoplatinismo (*platonici*), a quem Agostinho deve simultaneamente se dirigir, provar conhecer e pertencer e, nos termos e linguagens adequados à época e ao público, refutar em prol do cristianismo.

Palavras-chave: Agostinho, tempo, tradição

O SÓCRATES NO *ENQUIRÍDIO* DE EPICTETO

Prof. Dr. Rainer Guggenberger (UFRJ)

Partindo da observação que Sócrates é o filósofo e a figura mais mencionados no *Enquirídio* (Manual) de Epicteto, o objetivo é analisar a qual Sócrates Epicteto se refere. Por fins comparatísticos, levar-se-á em consideração o Sócrates de Aristófanes, de Platão e de Xenofonte.

Palavras-chave: Sócrates; *Enquirídio*; Epicteto.

MAIS QUE ALIMENTO: UM MOSAICO AFRO-ROMANO PISCIFORME

Profa. Dra. Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ)

Dentre o rico e variado acervo de mosaicos antigos afro-romanos, destacam-se os de temática marinha, representando um meio muito familiar e apreciado pelos habitantes da África do Norte tanto pela realização de atividades humanas (pesca, comércio, alimentação, lazer...) quanto pelo imaginário mitológico (Netuno, Anfitrite, Vênus, Oceano, Tritões, Nereidas, heróis...). A ênfase estava nas suas inexauríveis riquezas, frequentemente sugeridas por um mar extremamente piscoso, cuja fauna diversificada (peixe-gato, perca, mugem, enguia, lúcio, bacalhau, peixe elétrico, camarão gigante, peixe-bode, mugem barbado, polvo, lula, mariscos...) era retratada com muito realismo, permitindo, inclusive, a identificação de diferentes espécies. Para o presente estudo, selecionamos um mosaico com figura pisciforme que, paradoxalmente, afasta-se da característica naturalística predominante. Ele decorava o chão da soleira de uma porta de uma residência da província romana da África Proconsular e foi datado do século III. Atualmente, compõe o acervo do Museu de Sousse na Tunísia. Objetivamos identificar e analisar as implicações culturais presentes no discurso imagético musivo escolhido. Partimos da premissa de que a imagem é uma linguagem composta de signos icônicos e, portanto, passível de interpretação. Visando compreender o modo de produção de sentidos destes discursos imagéticos musivos, aplicaremos a dinâmica de signo proposta por Pierce, centrada na relação solidária entre três pólos componentes

do processo semiótico, a saber: o objeto ou referente (o que é representado pelo signo), o representamen ou significante (a face perceptível do signo) e o interpretante ou significado (que depende do contexto do seu aparecimento e da expectativa do receptor).

Palavras-chaves: África Romana; Mosaico; Religiosidade

DOIS HERÓIS ÉPICOS E UM TRÁGICO: PÁRIS, AQUILES E HÉRACLES DENTRO DO CÓDIGO DE CONDUTA HELÊNICO

Mestra Renata Cardoso de Sousa (Doutoranda / UFRJ)

Objetivamos compreender a categorização do herói, a partir da análise de três personagens ambivalentes: Páris, Aquiles e Hércules. Para tal, utilizaremos a *Ilíada*, de Homero, e o *Hércules*, de Eurípides. Estando os heróis a meio caminho do mundo divino e sendo eles cultuados já no período *Políade* Arcaico (VIII-VII a.C.), heróis “mal-comportados” podem vir a ser um problema para a categorização deles. Páris, conhecido comumente por sua covardia, está na contramão de Hércules e Aquiles, personagens de destaque na mitologia helênica, lembrados por suas bravuras e feitos heroicos. Contudo, tanto Páris mostra-se um verdadeiro herói na epopeia homérica quanto Hércules e Aquiles demonstram comportamentos indignos de um herói, sendo este último, inclusive, alvo de críticas por parte de Platão no livro III da sua *República*. Nesse sentido, o método da Análise de Discurso nos auxiliará na compreensão dessas ambivalências, de modo a pôr em questão a possível dicotomia entre heróis e anti-heróis dentro da cultura helênica.

Palavras-chave: Heróis; Homero; Eurípides.

ΜΑΚΑΡΙΟΣ: UM ESTUDO DE ETIMOLOGIA E SIGNIFICADO CULTURAL

Graduada Renata Ferreira Fernandes (Mestranda/UFRJ)

A concepção de felicidade e sua representação na vida do homem tem sido objeto de estudos dos grandes pensadores desde a Antiguidade clássica. Mas, apesar desse tema ser muito estudado, nem os filósofos clássicos nem os modernos conseguiram definir com precisão e clareza esse conceito. Na atualidade, as pessoas ainda se questionam e nem sempre conseguem definir o que é a verdadeira felicidade, pois ela parece mudar de significação de acordo com as pessoas e com as épocas. Consequentemente, a maneira de alcançá-la também varia de acordo com a crença vigente de cada indivíduo e/ou grupo. Mas, uma coisa nunca mudou: todos os homens buscam a felicidade, pois ela é a finalidade de vida do ser humano, uma vez que é natural que todo homem busque a vida feliz e não a infeliz. Levando em consideração que o Novo Testamento foi escrito a partir de um dialeto grego e que os judeus viviam sob a influência e o domínio greco-romano, que era permeado pelo pensamento filosófico helênico, pretende-se tentar vislumbrar a razão pela qual o evangelista Mateus escolhe μακάριος ao invés de εὐδαιμονία, para compor a narrativa de um dos principais discursos cristãos: *O Sermão do Monte ou Bem-aventuranças*, Mt.5.1-12, uma vez que a palavra mais utilizada pelos gregos para designar o que seria a felicidade, era εὐδαιμονία. Para se chegar ao resultado pretendido dessa investigação, a comunicação proposta apresentará um estudo etimológico e sociocultural do léxico μακάριος, salientando suas possibilidades de significação e comparando com as significações encontradas, anteriormente, para o vocábulo εὐδαιμονία, levando em consideração as famílias de palavras que tem as mesmas origens, μάκαρ e δαίμων. O intuito desse trabalho é perceber as aproximações e distanciamentos entre esses dois vocábulos, que muitas vezes se entrecruzam, pois somente por meio de um estudo etimológico e/ou pelo uso registrado na literatura grega e/ou demais documentos que chegaram até nós é que se pode perceber e diferenciar as motivações que estão por detrás do uso de cada uma dessas palavras, para só então adentrar no conceito de felicidade específico apresentado pelo *corpus* em questão, que apresenta a felicidade de forma não convencional, uma vez que a verdadeira felicidade estaria em locais totalmente alheios e incomuns para a maioria das pessoas.

Palavras-chave: Makários; Eudaimonía; Etimologia; Cultura; Sermão do Monte

A TEORIA CONCEPTUAL DA METÁFORA EMPREGADA EM TEXTOS DA LITERATURA GREGA

Prof. Dr Ricardo de Souza Nogueira (UFRJ)

A teoria conceptual da metáfora, desenvolvida por George Lakoff e Mark Johnsen no livro *Metaphors we live by* (1980), apresenta-se até os dias atuais como uma das mais bem sucedidas concepções para o entendimento do fenômeno metafórico e seu funcionamento. No desejo de apresentar as metáforas que ocorrem no cotidiano dos homens como um fenômeno inteligível e cultural que existe no sistema linguístico dos falantes antes mesmo de sua manifestação na expressão linguística, os autores proporcionam uma série de ferramentas para análise de enunciados variados que, de alguma maneira, apresentam uma linguagem figurada. O objetivo deste trabalho é comprovar a validade da teoria conceptual da metáfora para o estudo de textos da Antiguidade Helênica, utilizando algumas ferramentas linguísticas presentes em tal teoria para a análise, mais precisamente, de textos clássicos inseridos nos gêneros filosofia (pré-socrática), poesia lírica arcaica e tragédia ática.

Palavras-chave: Teoria Conceptual; Metáfora; Poesia Lírica Arcaica; Filosofia Pré-Socrática.

OS TEMPLOS E AS REPRESENTAÇÕES DOS JUDEUS E ROMANOS NO PRIMEIRO SÉCULO D.C.

Graduando Ronald Guimarães dos Santos (Faculdade Saberes)

No primeiro século a.C., na cidade de Jerusalém, conviviam judeus e romanos. O principal instrumento de ligação dos judeus com seu deus era o templo de Herodes I, conhecido como “Segundo Templo”. Porém, a representação que os judeus tinham com seu templo obviamente não era a mesma que os romanos tinham. O objetivo desta comunicação é compreender quais eram as representações dos judeus e dos romanos para com a sacralidade que emanava do edifício religioso em ambas as culturas. Para tanto, analisaremos as considerações de Vitruvius, no *De Architectura*, e n’*A Guerra dos Judeus*, do historiador Flávio Josefo.

Palavras-chave: Templo de Herodes; Flávio Josefo; Templo Clássico; Vitruvius.

O CULTO AO DEUS SOL ELAGABAL NO CONTEXTO DA DINASTIA DOS SEVEROS E A VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA, DE FILÓSTRATO

Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva (UFSM)

Na obra de natureza biográfica *Vida de Apolônio de Tiana*, escrita em meados do século III d.C. pelo sofista grego Filóstrato, vemos o biografado sendo representado como sacerdote do deus Sol (*Ἡλιος*) e tendo contato com diversos sacerdotes de uma divindade solar, chamada na obra de Hélios, por várias regiões por onde passa em suas viagens, como na Índia, por exemplo. No mesmo contexto de produção desta obra, o deus Elagabal, divindade que possuía atributo solar, da cidade síria de Emesa, ganhou notoriedade em moedas, textos e templos construídos pelos imperadores da dinastia síriaca dos Severos (193-235). Tal culto foi levado ao seu auge na cidade de Roma pelo imperador severiano conhecido na tradição como Heliogábalo, em referência a divindade solar por ele cultuada. Diante disso, o objetivo desta apresentação é desenvolver um estudo sobre esta divindade solar cultuada no contexto severiano, especialmente pelo imperador Heliogábalo, e apontar aspectos sobre a possível ligação da representação de Apolônio de Tiana como sacerdote do deus Sol com o culto ao deus Elagabal na biografia escrita por Filóstrato, escritor membro da corte imperial severiana durante os governos de Septímio Severo e Caracala e crítico ao governo de Heliogábalo.

Palavras-chave: Filóstrato; Dinastia dos Severos; Deus Sol Elagabal; Heliogábalo.

SÓCRATES: MESTRE DA CONVERSAÇÃO NO *FILEBO*

Profa. Dra. Simone de Oliveira Bondarczuk (UFRJ)

A representação da filosofia como gênero investigativo do *lógos* e a dialética como arte da conversação filosófica cooperativa são características marcantes no *Filebo*, que explicam, em parte, o motivo pelo qual Platão coloca em cena mais uma vez o Sócrates característico dos primeiros diálogos platônicos. Nessa perspectiva, o objetivo dessa comunicação é demonstrar como Platão,

por meio da linguagem, simula na escritura uma espécie de drama filosófico em tensão com outros gêneros textuais, criando um novo gênero do *lógos*, no qual Sócrates se apresenta como modelo conversacional desse gênero investigativo (um *constructum* teórico platônico).

Palavras-chave: Sócrates; Análise da Conversação; *Filebo*.

O PHÁRMAKON DO PERÍODO ARCAICO AO CLÁSSICO: UMA ANÁLISE DO CONCEITO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Graduada Stéphanie Barros Madureira (UFRJ)

A presente comunicação tem por objetivo realizar uma análise do conceito *phármakon* e as transformações que o mesmo sofreu entre os três séculos que delimitam nosso recorte histórico. A partir dos *status* adquirido no Período Clássico, tornando-se sinônimo da prática mágica, propomos uma investigação acerca de seus significados prematuros, visando delinear as alterações sofridas e relacioná-las a seus respectivos contextos. Os documentos literários, aliados à arqueologia e ao método comparativo são profícuos para a elucidação da tradição mágica helênica: através deles, poderemos perceber de quais maneiras a manipulação dos *phármaka* estava enraizada nas mais diversas camadas da comunidade grega antiga, e de que formas este processo de transformação foi estruturado.

Palavras-chave: *Phármakon*; Grécia Antiga; Magia.

O OLHAR PARA CERES NOS FASTOS, DE OVÍDIO

Graduanda Tamiris Penha Maranduba Barreto (UFRJ)

O trabalho consiste em um estudo das festas religiosas, presentes no calendário romano e apresentadas por Ovídio, nos *Fastos*, destacando os festejos a Ceres, deusa da fertilidade, para a qual se dedicavam os *Ludi Cereales* ou *Cerealia*, em abril. Pretende-se comentar as características do culto à deusa, assinalada como responsável pela introdução da arte de arar a terra. Observar-se-á o contexto histórico e literário que circunda a obra, como também a forma e o estilo do autor ao descrever os ritos. É necessário, além disso, compreender como os romanos foram estabelecendo e fixando os festejos em seu calendário, em épocas distintas da história.

Palavras-chave: Ceres; Ovídio; *Fastos*.

JANO E O ATO RITUAL NA ROMA ANTIGA: REPRESENTAÇÕES, FUNÇÕES E ATRIBUIÇÕES

Mestre Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires (Doutorando / UNIRIO)

Meu objetivo nesse trabalho será explorar como estava representado e quais funções desempenhava o deus Jano durante a ação ritual segundo a literatura tardo-republicana e augustana. Para tanto, recorrerei a trechos de Varrão (Var. *Ling.* 7,26), de Cícero (Cic. *Nat. D.* 2,67.), de Virgílio (Verg. *Aen.* 12,197-205) e de Horácio (Hor. *Epist.* 1,16,57-62). Situarei esses autores em um movimento maior que ocorreu em Roma, o movimento antiquário, que pensava, organizava e procurava sistematizar os saberes religiosos, a tradição ancestral e a ação e função dos deuses na história romana. Quais são as relações entre Jano e o ato ritual? Como Jano foi representado durante algumas ações rituais? Com tais inquietações, procurarei demonstrar o papel fulcral de Jano no ato ritual na Roma antiga.

Palavras-chave: Principado, Jano, Antiquários, Ritual

SOL INUICTO COMITI: REFLEXÕES SOBRE A IMAGEM DOS DEUSES NAS MOEDAS DE CONSTANTINO I

Prof. Dr. Thiago Brandão Zardini (Faculdade Saberes)

Constantino I (307-337 d.C.) teve sua imagem imortalizada pela historiografia a partir do estudo de escritores como Lactânio e Eusébio de Cesareia, tornando-se paradigmática a questão da conversão do imperador, tema este que acabou por dominar as interpretações dos epítetos, símbolos e elementos ligados à sua figura. Entre outras obras escritas e monumentais, as moedas de Constantino portando a efigie de Apolo não fugiram à regra, e receberam leituras sempre ligadas às ideias de fé ou crença do imperador. Com o objetivo de ampliar o campo de discussão sobre os

interesses que envolviam o estabelecimento do governo de Constantino na primeira década de seu reinado, optamos por analisar outro conjunto de discursos, os Panegíricos Latinos, já que estes concebem uma explicação política e estratégica para a presença de Apolo no repertório de símbolos do imperador.

Palavras-chave: Constantino; Apolo; Moedas; Panegíricos Latinos.

OS CONFESSORES CRISTÃOS NA PROVÍNCIA PROCONSULAR AFRICANA MEDIANTE PROCESSOS NOS TRIBUNAIS (202-258 E.C.)

Mestra Uiara Barros Otero (Doutoranda / UNIRIO)

O trabalho propõe analisar os significados da ‘confissão’ por meio de processos jurídicos movidos contra os cristãos nos tribunais romanos, seguidos dos trâmites legais de inquérito. Busca-se reavaliar a prática do martírio cristão na província proconsular africana, sobretudo os acontecimentos que colocam em causa a cidade de Cartago e os candidatos ao martírio, Vibia Perpétua, seus companheiros catecúmenos e o bispo Cipriano. A África romana caracterizou-se por um intenso pluralismo religioso e, portanto, torna-se necessário discutir as práticas cristãs nesse contexto.

Palavras-chave: Confessores; Regulação; Comportamento Religioso; Processo Criminal.

CONTINENTES OU CONJUGATI? O POSICIONAMENTO DE AGOSTINHO DE HIPONA SOBRE AS SEXUALIDADES EM MEIO À QUERELA JOVINIANISTA

Mestre Wendell dos Reis Veloso (Doutorando / UFRRJ)

O objetivo desta comunicação é, a partir dos tratados *De Bono Coniugali* (Dos Bens do Matrimônio) e *De Sancta Virginitate* (A Santa Virgindade), empreender alguns apontamentos sobre o posicionamento de Aurélio Agostinho, bispo católico da cidade de Hipona, na África Romana, sobre aquilo que denominamos historiograficamente de Querela Jovinianista. Trata-se de expressão que faz referência ao debate teológico e normativo travado em fins do século IV entre Agostinho de Hipona, Jerônimo e Joviniano, e que tinha como cerne o questionamento se os casados, os *coniugati*, e os castos e os virgens, os *continentes*, gozariam de uma vida cristã de mesmo valor. Vale ressaltar que a historiografia evidencia que os Pais teriam sido bastante cuidadosos em estabelecer uma ligação total e completa entre o sexo e o pecado, ao mesmo tempo em que reforçavam a suposta mácula moral que o acompanharia. É esta incongruência (que não necessariamente é vista assim a partir de um ponto de vista teológico ou da História Eclesiástica) que é meu objetivo mapear na documentação.

Palavras-chave: Querela Jovinianista; Agostinho de Hipona; Antiguidade Tardia.

UMA FLOR DE JACINTO NOS JARDINS DE FEBO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O HOMOEROTISMO NAS *METAMORFOSES* DE OVÍDIO

Mestra Zildene de Souza (Doutoranda / UFRJ)

O poeta Ovídio compôs suas *Metamorfoses* na fase de maturidade. O poema possui quase doze mil versos escritos em hexâmetros datílicos, metro típico da poesia épica, e apresenta o tom amoroso das elegias ovidianas. O poema apresenta várias histórias, entrelaçadas entre si, que representam desde a criação do mundo até o momento da composição da obra. *Metamorfoses* é dividido em XV livros que apresentam aproximadamente 250 transformações. O presente trabalho consiste na tradução e análise dos versos 162 ao 219 do livro X, que versa sobre a transformação do jovem Jacinto, e consiste também em uma abordagem baseada na análise da narrativa. Além disso, destacam-se reflexões sobre o papel do mito na sociedade romana, sobre as relações amorosas e sobre o relacionamento entre o jovem espartano e o deus Febo.

Palavras-chave: Ovídio; *Metamorfoses*; Homoerotismo.

APOIO

UFRJ – PR3

FACULDADE DE LETRAS – UFRJ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS – UFRJ

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS – UFRJ

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

Faculdade Saberes (ES)

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/

USP Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Universidade Federal Fluminense – UFF

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Universidade de Brasília - UnB